

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

JOSÉ JÚNIOR DIAS DA SILVA

A DEBUCALIZAÇÃO E A TEORIA FONOLÓGICA

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

JOSÉ JÚNIOR DIAS DA SILVA

A DEBUCALIZAÇÃO E A TEORIA FONOLÓGICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Profa. Dra. Consuelo de Paiva Godinho Costa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2014

Dias-Silva, José Júnior.

S58d A debucalização e a teoria fonológica / José Júnior Dias da
Silva, 2014;
87f.: il. Algumas color.

Orientador (a): Consuelo de Paiva Godinho Costa
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da
Conquista, 2014.

Inclui referência.

1. Fonologia. 2. Debucalização. I. Costa, Consuelo de Paiva
Godinho. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III

CDD: 414

Catálogo na fonte: Elinei Carvalho Santana – CRB 5/1026
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Debucalization and phonological theory

Palavras-chave em inglês: Debucalization. Phonetic Theory. Autosegmental Phonology.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Consuelo de Paiva Godinho Costa (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Vera Pacheco (UESB); Profa. Dra. Beatriz Raposo de Medeiros (USP)

Data da defesa: 26 de fevereiro de 2014.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

JOSÉ JÚNIOR DIAS DA SILVA

A DEBUCALIZAÇÃO E A TEORIA FONOLÓGICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre Linguística.

Data da aprovação: 26 de fevereiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Consuelo de Paiva Godinho Costa (UESB)
(Orientadora)



Prof^ª. Dr^ª. Vera Pacheco (UESB)



Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Raposo de Medeiros (USP)

Dedico este trabalho a todos que, de certa forma, dele participaram.

AGRADECIMENTOS

A essa força (meta)física de bondade e sabedoria, conhecido por Deus.

A minha orientadora Consuelo de Paiva Godinho Costa, pelas discussões fonológicas e pelos momentos de apoio e de compreensão.

A minha família, por me proporcionar momentos inesquecíveis, sobretudo, minha mãe Deza e meus irmãos.

Ao Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo – CNPq/ UESB, pelo *corpus*.

À banca de qualificação, pelas importantes orientações.

Aos amigos de infância e da minha fase universitária.

Ao Programa de pós-graduação.

Enfim, a todos que fazem parte de minha história.

Muito obrigado!

*“É fácil ver que os **fatos** observados pelo pesquisador são inquestionáveis [...]. Mas as **hipóteses** são necessariamente provisórias.” (Perini)*

RESUMO

O presente trabalho investiga questões relacionadas à Debucalização e à Teoria Fonológica. Entende-se por Debucalização o processo fonológico no qual um determinado segmento deixa de ser produzido na cavidade oral e passa a configurar-se somente na região laríngea. Para tanto, são analisadas diferentes línguas – português brasileiro, dialetos do espanhol e nhandewa-guarani – no intuito de justificar a relevância do processo nas línguas e descrever as motivações fonéticas propícias para o aparecimento do segmento laríngeo. Nesse caso, é investigado o comportamento das consoantes fricativas alveolares e pós-alveolares ([s], [z], [ʃ] e [ʒ]), através de análises sincrônica e diacrônica que justifiquem o processo de variação/mudança desses segmentos para uma consoante fricativa glotal. É feita uma leitura desse processo bem como uma análise dos traços distintivos, com base na Fonologia Autossegmental, passando por modelos anteriores, como o Estruturalismo e o Gerativismo. O modelo de Geometria de Traços, proposto por Clements e Hume (1995), o mais usado no Brasil, não contempla a debucalização porque, ao perder o nó cavidade oral, o traço [contínuo] não encontra uma ancoragem na representação arbórea, o que faz com que a configuração geométrica fira determinados princípios da teoria. Motivado por isso, são discutidos os conceitos do traço [contínuo], de segmentos consonantais e vocálicos, defendidos pela teoria e seu papel nas oposições fonológicas das línguas. Também é analisada a viabilidade de diferentes modelos autossegmentais – MOHANAN (1983), CLEMENTS (1985), SAGEY (1986), McCARTHY (1988), KAISSE (1992), CLEMENTS E HUME (1995), HALLE ET alii (2002) – em relação à representação do processo, na tentativa de encontrar um modelo que o melhor represente. Nesse caminho, encontram-se problemas nas definições teóricas que fazem com que os modelos tornem-se insuficientes para tratar a debucalização.

PALAVRAS-CHAVE

Debucalização. Teoria Fonológica. Fonologia Autossegmental.

ABSTRACT

This paper investigates issues that are related to *Debucalization* and the Phonological Theory. *Debucalization* is understood as a phonological process in which a segment is no longer produced in the oral cavity. It is only set on the laryngeal region though. In order to make this investigation viable, different languages were analyzed – Brazilian Portuguese, Spanish dialects and Nhandewa-Guarani – to justify the process relevance over languages in general and to describe phonetic motivations that make the appearance of laryngeal segment possible. Fricative consonants behave in alveolar and post-alveolar positions ([s], [z], [ʃ] and [ʒ]) is investigated through synchronic and diachronic analysis that justifies the processes of variation/change of these segments into a glottal fricative consonant. This process was read based on Autosegmental Phonology, as well as the analysis of the distinctive features; also, former models, such as Structuralism and Generativism, were visited. Geometry of Features model, proposed by Clements and Hume (1995), is the most used in Brazil, but the process of debucalization does not fit this model, because when the feature [continuous] loses its oral cavity node, it cannot be represented on the tree scheme anymore, this way, its geometrical settings does not fit some theory principles. Because of it, the concept of feature [continuous] of consonant and vowel segments, which are defended by the theory, has been discussed, as well as their role on the phonological oppositions of languages. The viability of different autosegmental models is also analyzed - MOHANAN (1983), CLEMENTS (1985), SAGEY (1986), McCARTHY (1988), KAISSE (1992), CLEMENTS AND HUME (1995), HALLE ET alii (2002) – in relation to the process representation: that is an attempt to find a model that best represents it. Following this track, it was possible to notice the existence of problems on theoretical definitions which make the models insufficient when it comes to debucalization.

KEYWORDS

Debucalization. Phonetic Theory. Autosegmental Phonology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação dos sons das línguas naturais, segundo IPA 1995	20
Figura 2 – Representação autosssegmental do processo de neutralização das nasais, segundo Matzenauer (2005).....	28
Figura 3 – Hierarquização dos constituintes prosódicos, segundo Nespor e Vogel (1986)	43
Figura 4 – Representação da sílaba segundo Kahn (1976)	44
Figura 5 – Representação da sílaba segundo Selkirk (1982).....	44
Figura 6 – Escala de força de Hooper (1976).....	45
Figura 7 – Processo de palatalização, conforme Mattos-e-Silva (2006).....	49
Figura 8 – Fisiologia do aparelho fonador	62
Figura 9 – Fisiologia da região supraglotal	63
Figura 10 – Geometria de traços segundo Clements e Hume (1995).....	69
Figura 11 – Representação arbórea do processo de debucalização.....	70
Figura 12 – Representação alternativa de [h] a partir de Clements e Hume (1995)	71
Figura 13 – Geometria de traços de Mohanan (1983), segundo D’Angelis (1998)	73
Figura 14 – Modelo de Clements (1985), segundo D’Angelis (1998).....	75
Figura 15 – Modelo de Sagey (1986), segundo D’Angelis (1998)	76
Figura 16 – Modelo de McCarthy (1988), segundo D’Angelis (1998).....	77
Figura 17 – Modelo de Kaisse (1992), segundo D’Angelis (1998)	78
Figura 18 – Modelo de Halle et alii (2000)	79
Figura 19 – Representação da fricativa glotal [h] segundo o modelo de Halle et alii (2000).....	80
Figura 20 – Representação da debucalização de [s] segundo o modelo de Halle et alii (2000)	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Representação da neutralização das nasais em posição de coda no PB, segundo Câmara Jr. (1970)	27
Quadro 2 – Debucalização no espanhol chileno	31
Quadro 3 - /s/ Tupi : /h/ Guarani : /P/ Nhandewa	35
Quadro 4 – Sistema fonológico do Nhandewa-Guarani, conforme Costa (2010)	35
Quadro 5 – Sistema fonológico do PB segundo Câmara Jr (1970).....	40
Quadro 6 – Sistemas fonológicos do Latim Clássico e Português Atual, segundo Mattos-e-Silva (2006)	48
Quadro 7 – Processo de aparecimento das fricativas no português, segundo Mattos-e-Silva (2006)	49
Quadro 8 – Consoantes latinas e portuguesas em coda silábico, segundo Mattos-e-Silva (2006)	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Debucalização no Rio de Janeiro, segundo Hora e Pedrosa (2009).....	56
Gráfico 2 – Debucalização em São Paulo, segundo Hora e Pedrosa (2009).....	56
Gráfico 3 - Debucalização em Porto Alegre, segundo Hora e Pedrosa (2009)	57
Gráfico 4 – Debucalização em Recife, segundo Hora e Pedrosa (2009).....	57
Gráfico 5 - Debucalização em Salvador, segundo Hora e Pedrosa (2009).....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados de Cedergren (1973) sobre o /s/ pós-vocálico final no espanhol panamenho.....	32
Tabela 2 – Resultados de Lafford (1982, citado em Morris, 1998) sobre o /s/ pós-vocálico em relação ao estilo no espanhol colombiano	33
Tabela 3 – Escala de soanticidade de Clements e Hume (1995).	46
Tabela 4 – As realizações do arquifonema /S/, número de ocorrências e frequência	52
Tabela 5 – Síntese das ocorrências do segmento fricativo na posição de coda silábico, no português popular de Salvador/BA, baseada em Lucchesi (2009).....	53
Tabela 6 – A debucalização em Vitória da Conquista, BA	59
Tabela 7 – Ocorrências de [h] e [s] em final de palavra.....	59
Tabela 8 – Debucalização em relação à natureza da consoante seguinte	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 DA CONCEPÇÃO DO FONEMA À NOÇÃO ATUAL DOS TRAÇOS	17
1.1 O CAMINHO DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA.....	17
1.2 ANÁLISE DOS TRAÇOS DISTINTIVOS: DO ESTRUTURALISMO AOS MODELOS NÃO LINEARES	19
2 DEBUCALIZAÇÃO: CONCEITOS E PADRÕES DE OCORRÊNCIA	27
2.1 O ESPANHOL.....	30
2.1.1 O espanhol chileno.....	30
2.1.2 O espanhol em outras regiões da América Latina	32
2.2 A DEBUCALIZAÇÃO NO TRONCO LINGÜÍSTICO TUPI: DO PROTO TUPI- GUARANI AO NHANDEWA-GUARANI	33
2.3 AS FRICATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	36
3 DEBUCALIZAÇÃO E ANÁLISE DO SISTEMA CONSONANTAL DO PB.....	39
3.1 O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA FONOLÓGICO DO PB	40
3.1.1 Estrutura Silábica.....	41
3.1.2 As consoantes fricativas do PB: uma análise diacrônica	47
3.1.3 A debucalização em algumas capitais brasileiras	51
3.1.3.1 A debucalização em Salvador	51
3.1.3.2 A debucalização em outras capitais	55
3.1.4 A debucalização em Vitória da Conquista/BA	58
4 A DEBUCALIZAÇÃO E OS ENTRAVES DOS POSTULADOS TEÓRICOS	62
4.1 AS CONCEPÇÕES DE SEGMENTO CONSONANTAL E DO TRAÇO CONTÍNUO: SUAS IMPLICAÇÕES PARA A CARACTERIZAÇÃO DOS SEGMENTOS GLOTAIS.....	62
4.2 O PROBLEMA DO MODELO DE CLEMENTS E HUME (1995)	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Quando um pesquisador de Fonologia/Fonética se depara com um fenômeno linguístico que até então nunca havia percebido, seu primeiro passo é atentar-se mais para a forma dos diálogos em diversas situações nas quais os gêneros textuais se materializam: diálogos em bares, em filas de supermercado, palestras etc. Inúmeras vezes, o significado é esquecido e, após constatar que seu ouvido está diante de uma situação nova, o pesquisador anota e, em seguida, tenta buscar uma explicação para o fenômeno.

O linguista dá-se conta de que a língua é mais do que um conjunto de signos, pois sua complexidade começa com oposições menores - os fonemas - até unidades maiores, apresentando em todos os níveis certa regularidade. Pensando em termos saussurianos, a língua é um sistema que só aceita sua própria ordem, cabe ao linguista valer-se de diferentes recursos teórico-metodológicos e linguísticos, além de fatores extralinguísticos, quando necessário, para explicar uma variação ou mudança que está ocorrendo.

Para o pesquisador que trabalha com o som, não lhe interessará diretamente a função (tomada num sentido pragmático), pois as teorias fonológicas estão diretamente ligadas ao Formalismo. Após observar a forma, terá ele a possibilidade de trabalhar com duas perspectivas ao trazê-la para um sistema linguístico: se o fenômeno constitui-se como uma variação, sua abordagem principal será com base na Fonética; caso se configure como mudança – não havendo, portanto, variantes concorrendo à mesma função na língua – seu foco será a Fonologia (TRUBETZKOY, 1981).

Ressalta-se que a dicotomização das duas ciências (Fonética e Fonologia) é tomada para fins metodológicos, não cabendo ao pesquisador estabelecer hierarquia entre elas. O trabalho em questão pretende investigar um processo fonético/fonológico presente em muitas línguas naturais, conhecido como *debucalização*. Dizemos que o segmento é debucalizado quando perde sua articulação no trato oral. Por exemplo, é possível encontrar no Português Brasileiro (PB) três realizações fonéticas para a palavra *mesmo* ([ˈmezmu] [ˈmezmu] x [ˈmefimu]). Nesse caso, dizemos que na terceira forma o segmento tornou-se debucalizado, pois as formas alveolar ou pós-alveolar (parte-se do pressuposto de que os fones [s] e [ʃ] são mais antigos na língua) perderam a produção no trato oral e passaram a ser produzidas na região laríngea.

Ao buscar uma discussão aprofundada a respeito do tema, o trabalho em questão pretende fazer uma análise comparativa de dados de debucalização presentes em várias línguas: O PB, o espanhol chileno (e outros dialetos da América Latina), o Nhandewa-

Guarani e o latim clássico, baseando-se na coleta de dados de diferentes pesquisadores, ao longo do segundo capítulo, juntamente com uma análise dos conceitos de debucalização trazidos pela literatura da área.

Ao longo do trabalho, verificaremos que o segmento debucalizado ora se caracteriza como segmento meramente fonético, pois não tem implicações sistêmicas, ora se configura como um fonema, na medida em que indica possibilidade de mudanças no sistema da língua. O fato é que trataremos o fenômeno sem hierarquização, pois toda mudança é caracterizada por uma variação. Portanto, o segmento, antes de adquirir o estatuto de fonema, em algum momento passou por variações de cunho fonético.

Para entendermos o processo em questão, serão mostrados, no terceiro capítulo, a debucalização e dados do PB, com os ambientes linguísticos mais propícios para o aparecimento da glotal [h]¹, e também como se dá o funcionamento dos sistemas tanto diacrônica quanto sincronicamente, pois entendemos que a sincronia é uma diacronia atualizada, seguindo aqui o entendimento pragueano da não separação estanque entre diacronia e sincronia. Logo, analisar-se-ão os sistemas fonológicos de línguas distantes geneticamente como o latim e o Guarani. Além disso, serão analisados os dados do Português Brasileiro em diferentes capitais, do espanhol chileno (e outros dialetos) e do Nhandewa-Guarani, como forma de observar e constatar se tal processo ocorre de maneira semelhante nas diferentes línguas², objetivando-se descrever quais ambientes linguísticos são mais propícios ao processo, já que a teoria fonológica pretende-se universal.

Na tentativa de explicar o fenômeno, lança-se mão, neste trabalho, de uma investigação linguística baseada nos pressupostos da Fonologia. Como os estudos apontam, muitas teorias foram superadas, mas deixaram grande contribuição na explicação dos fatos linguísticos. Por isso, faremos uma (re)leitura do fonema e de suas propriedades articulatórias, os traços distintivos, desde os primeiros funcionalistas até os pesquisadores da conhecida Fonologia não linear.

É consenso que as teorias lineares não conseguiam explicar convenientemente inúmeros processos fonológicos, contudo tem-se percebido que os modelos não lineares, que estão entre os mais recentes, não conseguem também explicar todos os fenômenos. O objetivo principal deste trabalho é procurar encontrar o melhor caminho teórico nesse contexto.

¹ Na literatura a respeito do assunto, encontramos muitas nomenclaturas para descrever o segmento: debucalizado, laringeo, glotal, aspirado. Neste trabalho usaremos todas elas, conforme necessidade.

² Aproveitamos para esclarecer que o Português Europeu não foi levado em conta neste trabalho porque só apresenta duas variantes na posição de coda: os segmentos alveolares e palatais surdos e sonoros.

O trabalho possui não só o objetivo de descrever os ambientes em que a debucalização aparece como também se propõe a discutir o lugar desse processo dentro das teorias fonológicas, em especial em relação aos modelos autosegmentais. O ponto de maior dificuldade é o traço contínuo e seu alojamento dentro das geometrias de traços. Assim, tentaremos encontrar uma posição para alocar o traço contínuo, uma vez que seu lugar nas geometrias de traços propostas pela Teoria Fonológica parece, ainda, não ter sido resolvido adequadamente. O fato de o traço [contínuo] ser um traço de controversa representação nos modelos mais conhecidos de geometrias de traços autosegmentais traz dificuldades para a adequada representação da debucalização, quer no famigerado modelo de Clements e Hume (1995), quer nos demais modelos que serão oportunamente tratados.

Por que, então, os modelos que se propõem a uma aplicação linguística universal não conseguem representar convenientemente esse processo, presente em tantas línguas? A hipótese que surge nesse trabalho é a de que os modelos usados na atualidade não são capazes de explicar com simplicidade, plausibilidade fonética, naturalidade e predibilidade o processo de debucalização nas línguas naturais, pois baseiam sua representação num aparato fonético, isto é, suas árvores são configuradas de modo a reproduzir o aparelho fonador – e se esquecem de levar em consideração as oposições que estão em jogo na Fonologia de uma série de línguas, seja do tronco linguístico indo-europeu, seja de outros troncos que frequentam menos os ensaios acadêmicos de Linguística.

Como vimos até aqui, a debucalização, presente em alguns dialetos do português do Brasil – cuja representação na geometria de traços de Clements e Hume (1995) não é possível – é encontrada também em outras línguas. Esse processo, bastante comum em dialetos da região nordeste (principalmente, mas não exclusivamente) converte fricativas de ponto de articulação oral /s/, /z/, /v/, /ʃ/ e /ʒ/ na fricativa glotal [h], através da perda do ponto de articulação supralaríngeo, como em “tava” - /es'tava/ > [taha] ou em “gente”- /ʒeNte/ > [hẽtʃɪ].

1 DA CONCEPÇÃO DO FONEMA À NOÇÃO ATUAL DOS TRAÇOS

1.1 O CAMINHO DA FONÉTICA E DA FONOLOGIA

O surgimento das duas áreas do conhecimento – Fonética e Fonoologia – teve a importante contribuição de Fernand de Saussure, por meio de seus postulados: língua vs fala, sincronia vs diacronia etc. No entanto, no *Curso de Linguística Geral*, parece haver uma descrição de Fonética e Fonoologia que não condiz diretamente com os axiomas que consideramos atualmente na área, e isso se deve ao fato de ser aquele o momento em que as definições e limites das novas ciências estavam ainda se estabelecendo. O “pai da Linguística” define a *Fonoologia* como a ciência que tratará do som numa perspectiva física, material, o que nos permite dizer que se trata da ciência da fala (é o que hoje chamamos de Fonética). Enquanto que *Fonética* seria a ciência das analogias sob a perspectiva da evolução dos sons, conforme já era usada pelos neogramáticos (o que hoje seria uma sub-área da linguística Histórica, chamada de Glotologia).

Portanto, Saussure coloca a Fonoologia numa área que Câmara Jr. (1975) chama de estudos paralinguísticos, isto é, uma ciência que investigaria a produção dos sons, mas numa perspectiva extralinguística, sem uma visão imanente da língua. Já a Fonética investigaria a evolução dos sons ao longo da história.

A explicação estaria talvez no fato de que Saussure voltou sua análise para níveis linguísticos maiores que o som/fonema como, por exemplo, quando trata da questão dos eixos paradigmático e sintagmático. Sua grande ênfase foi, sobretudo, na questão semântica ao afirmar que a língua é um sistema de signos. Além disso, a significação fica ainda mais evidente em seus estudos quando ele postula a noção de valor: um signo se opõe ao outro porque ambos possuem valores opositivos.

Em relação ao fonema, Saussure o define como a soma do tempo acústico e do tempo de articulação. Essa é uma definição que não se enquadra na questão abstrata da língua. Ele fez uso de dois elementos pertencentes à fala: o caráter físico e o caráter fisiológico. No entanto, não se pode negar que, ao definir o signo linguístico, ele coloca o significante numa condição psíquica, e não material. Segundo o linguista genebrino, a imagem acústica

[...] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la ‘material’, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2006, p.80)

Atualmente, as noções que temos a respeito das definições das duas ciências não foram propostas por Saussure. As bases para a delimitação das duas disciplinas em discussão e do que seja fonema foram de certa forma definidas primeiramente por J. Baudouin de Courtenay. Segundo Trubetzkoy (1981),

Foi ele [Courtenay] quem proclamou a diferença fundamental existente entre sons da linguagem humana e as imagens fônicas de que se compõem as palavras de uma língua, e foi ele também quem tirou desta afirmação consequências metodológicas a exigir a existência de duas disciplinas científicas: uma fundada sobre a fisiologia e a física, e que tem por objeto os sons; outra, aparentada com a psicologia, e que estuda as imagens fônicas em suas funções linguísticas. [...] Courtenay definia o fonema como equivalente psíquico do som [...] (p.16)

As noções trazidas por Courtenay foram criticadas, mas ao mesmo tempo lapidadas por Trubetzkoy, uma vez que “o que distingue o fonema do som não é seu caráter puramente psíquico, mas antes seu caráter diferencial – o que faz dele um valor linguístico” (TRUBETZKOY, 1981, p.16-17). Nessa citação, a noção de fonema está intrinsecamente ligada aos postulados estruturalistas saussurianos: o fonema é uma realidade psíquica somada ao seu valor linguístico.

Baseado, ainda, em Courtenay, Trubetzkoy estabelece as bases metodológicas para cada uma das disciplinas. Para ele, portanto, caberia à Fonologia investigar os sons numa perspectiva abstrata, psíquica e sistêmica. A Fonética investigaria o som numa perspectiva material, e isso envolve questões fisiológicas e físicas. Sendo assim, a Fonologia estaria associada ao que Saussure chama de língua (social) e a fonética, à fala (individual). Trubetzkoy (1981) caracteriza, ainda, a fonética em oposição à fonologia alegando que “o foneticista é necessariamente atomista ou individualista” (p.19), enquanto que o fonólogo precisa observar todo o sistema para depois compreender o que constitui fonema numa determinada língua.

Como todos os segmentos até aquele momento eram classificados genericamente como *sons*, sem opor fones a fonemas, o linguista russo, retomando Courtenay, fará uma divisão importante dentro dos estudos linguísticos. Aquilo que se constitui como unidade mínima, indivisível, distintiva e opositiva para o sistema recebe o nome de *fonema*.

Se tomarmos como base o português brasileiro, encontraremos como exemplo bastante didático a (não) oposição entre [t] x [tʃ] uma vez que ambos são apenas alofones, isto é, variações de um mesmo fonema /t/. Por exemplo, em termos saussurianos, a oposição

entre esses segmentos não gera um novo valor, ou seja, nas realizações fonéticas de *time* [ˈtimɪ] x [ˈtʃimɪ], se os segmentos que se diferem forem permutados, não se obterá mudança de sentido no sistema do PB. A oposição entre eles provoca apenas uma mudança física/fisiológica, ou seja, material, mas não acarreta mudança de sentido dentro do sistema: [ˈtimɪ] e [ˈtʃimɪ] querem dizer a mesma coisa.

Baseado nas noções de fonema, distinção opositiva e não opositiva dadas pela análise sistêmica, Trubetzkoy cria a base das duas ciências, mas não se limita a isso. Ao investigar aproximadamente duzentas línguas, ele elabora importantes conceitos para explicar os processos fonológicos, trazendo para o campo inúmeros tipos de oposições, que serão abordados no tópico seguinte.

1.2 ANÁLISE DOS TRAÇOS DISTINTIVOS: DO ESTRUTURALISMO AOS MODELOS NÃO LINEARES

A maior contribuição dos estruturalistas a respeito de questões ligadas aos sons das línguas naturais talvez tenha sido o aprimoramento do conceito de fonema como unidade mínima, significativa e opositiva, como foi postulado por Trubetzkoy, ao aliar noções trazidas por Courtenay e Saussure. Segundo Jakobson (1972),

Os primeiros fundamentos da fonologia foram lançados por Baudouin de Courtenay e F. de Saussure e seus discípulos. A elaboração sistemática da fonologia só começou depois da Primeira Guerra Mundial [...] o Círculo Linguístico de Praga, que organizou o primeiro Congresso Fonológico Internacional (Praga, 1930) tornou-se o centro de elaboração da fonologia moderna [...]. (p.13)

O conceito de fonema não se resume a noções físicas e articulatórias. A partir da distinção entre fonema e fone, foi possível à Linguística deixar mais claras as noções que separam e, ao mesmo tempo, unem a Fonética e a Fonologia. E, embora as representações estruturalistas a respeito de questões fonológicas sejam de cunho descritivo, percebe-se que a noção de funcionamento linguístico e descrição de processos fonológicos já estavam presentes desde o Círculo Linguístico de Praga. Segundo Lucchesi (1961)

Antes de conceber o estudo linguístico como a dedução de um sistema, os linguistas de Praga o concebem como a descrição e análise da estrutura que garante o funcionamento da língua... Assim, para os linguistas de Praga, estrutura e função são duas noções indissociáveis, donde a denominação de sua concepção como estrutural e funcional. (p. 89)

O Funcionalismo proposto por Trubetzkoy revela que o caráter opositivo do fonema não consiste somente em permutar segmentos, mas em fazer uma análise levando em consideração as implicações sistêmicas, como a simetria e a reflexão. Afinal, é papel da Fonologia determinar a “carga funcional” dos fonemas.

Pensando nisso, Trubetzkoy, com relação a mais de duzentos sistemas fonológicos que analisa, postula uma noção de distinção baseada em dois critérios principais: com relação a todo o sistema - bilateral, multilateral, proporcional, isolada – e com relação aos membros da oposição - privativa, gradual, equipolente, constante e neutralizável.

As oposições bilaterais são aquelas que ocorrem entre segmentos que se diferem apenas por um traço. Os pares, por exemplo, elencados no IPA (International Phonetic Alphabet) que se distinguem apenas pela vibração das pregas vocais são de oposição bilateral.

Figura 1 – Representação dos sons das línguas naturais, segundo IPA 1995

CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ
Trill	ʙ			r				
Tap or Flap		ɸ		ɾ		ɽ		
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ
Lateral				ɬ ɮ				

Fonte: IPA (1995).

Os pares /p/ x /b/; /t/ x /d/; /f/ x /v/; /s/ x /z/, por exemplo, se distinguem somente porque os elementos da esquerda são surdos enquanto que os da direita são sonoros. Logo, todos os outros traços são idênticos.

A partir da noção de bilateralidade, Trubetzkoy (1939) chega a afirmar que somente as oposições bilaterais são passíveis de neutralização. Chamamos de Neutralização quando uma oposição distintiva presente em dado sistema fonológico deixa de existir em determinados

contextos³. Portanto, para ele, quando a oposição bilateral desaparece num determinado contexto fonológico, há uma neutralização que resulta num arquifonema⁴.

Em relação à oposição multilateral, sua existência depende de fonemas que se distinguem por mais de um traço. Por exemplo, /p/ está em oposição multilateral com /m/ porque se diferem por dois aspectos (“lados”): vozeamento e nasalidade.

Já as oposições proporcionais se dão quando a relação entre os termos de uma oposição é igual à relação entre os termos de outra oposição, constituindo-se, assim, como as oposições ditas “mais fortes” dentro do sistema, porque se repetem - /p,b/: /t,d/: /k,g/. A mesma diferença que existe entre o primeiro par repete-se no segundo e terceiro pares, ou seja, a mesma oposição ocorre em vários pontos do sistema.

No que diz respeito às oposições isoladas, pode-se afirmar que são as mais suscetíveis a variações/mudanças no sistema, visto que não se repetem em outros pontos como as proporcionais. Logo, elas se constituem como as oposições “mais fracas”: /l/ e /r/, por exemplo. A oposição entre lateral e vibrante ocorre somente neste par.

Essas quatro oposições configuram-se com base na relação com todo o sistema de oposições, ao passo que as restantes baseiam-se na relação entre os termos da oposição. Não é nosso objetivo aqui descrevê-las em detalhes, o fato é que a partir da classificação dos vários tipos de oposição, é possível compreender como as intuições fonológicas de Trubetzkoy não se restringiam à análise do fonema isoladamente, mas sempre o colocava dentro do *sistema*, servindo-se de todas as consequências disso. Esse, aliás, foi um dos grandes ganhos da corrente pragueana em relação a outras vertentes estruturalistas, como a própria fonêmica. A noção de unidades menores já era evidente desde então, já que, quando analisados segmentos como /t/ x /d/, verificava-se que eles se opõem somente por uma oposição bilateral, isto é, pelo *vozeamento*, uma vez que todas as outras propriedades articulatórias são idênticas.

Nesse momento, a Fonologia se relaciona com a Fonética na medida em que esta constrói sua fundamentação valendo-se dos conceitos daquela. Nesse sentido, a criação de regras fonéticas está condicionada a um olhar não somente físico e/ou articulatório, mas também pautado numa análise sistêmica, abstrata e, conseqüentemente, fonológica.

Jakobson, Fant & Halle (1952), embora não tenham seguido à risca as intuições de Trubetzkoy, deram uma significativa contribuição à teoria ao apresentarem a noção binária

³ Por exemplo, no PB consideramos que os sons /s/ e /ʃ/ são fonemas, entre outros motivos, porque se opõem em palavras como “assa” [asa] x [aʃa] “acha”. Entretanto, na posição de coda silábica, a oposição de ponto de articulação é neutralizada, o que nos permite ter diferenças dialetais como [pas] x [paʃ], ou seja, a oposição /s/ x /ʃ/ é neutralizada nesta posição silábica.

⁴ Faz-se necessário lembrar que nem sempre uma neutralização resulta num arquifonema, basta observar o sistema vocálico do PB nas diferentes posições silábicas. Câmara Jr. (1970) traz uma abordagem clara a respeito do assunto.

(+/-) de algumas propriedades acústicas dos sons. Nasce, a partir daí, a noção de *traço distintivo*, propriedades estas que, segundo eles, apesar de não numerosas, são capazes de estabelecer todas as oposições fonológicas das línguas naturais. Esses linguistas trouxeram uma inovação ao postularem traços com propriedades acústicas dos sons. Fernandes (2013) apresenta os treze traços sucintamente e suas respectivas definições:

Vocálico/Não-vocálico (Vocalic/Non-vocalic): presença vs. ausência de estrutura dos formantes definida.

Consonantal/Não-consonantal (Consonantal/Non-consonantal): baixa vs. alta energia total.

Compacto/Difuso (Compact/Diffuse): alta vs. baixa concentração de energia na região central do espectro, acompanhada de aumento vs. diminuição de energia.

Tenso/Relaxado (Tense/Lax): mais alto vs. mais baixo total de energia, em conjunção com maior (ou menor) espreadimento de energia no espectro e no tempo.

Vozeado/Desvozeado (Voiced/Voiceless): presença vs. ausência de vibração periódica de baixa frequência.

Nasal/Oral (Nasal/Oral): maior vs. menor espreadimento da energia sobre as regiões ‘frequenciais’ pela redução na intensidade de certos formantes (principalmente o primeiro), e introdução vs. não introdução de um formante adicional (nasal).

Contínuo/Descontínuo (Continuant/Discontinuous): silêncio seguido e/ou precedido por espreadimento de energia na região de alta frequência do espectro vs. ausência de transição abrupta entre silêncio e som.

Estridente/Suave (Strident/mellow): maior intensidade de ruído vs. menor intensidade de ruído.

Checked/unchecked: taxa alta de descarga de energia dentro de um reduzido intervalo de tempo vs. taxa baixa de descarga de energia dentro de um longo intervalo.

Grave/Agudo (Grave/Acute): concentração de energia em regiões de alta vs. baixa frequência no espectro.

Flat/Plain: fonemas flat, em contraposição aos correspondentes plain, são caracterizados por fraca mudança em alguns de seus componentes de alta frequência.

Sharp/plain: fonemas sharp, em contraposição aos correspondentes plain, são caracterizados por uma grande mudança de alguns dos seus componentes de alta frequência.

Esse foi um momento importante dentro da Fonologia, porque se usou uma noção de traços distintivos que teve grande relevância para os estudos posteriores. No entanto, os estudiosos notaram, em seguida, que a articulação teria uma relação mais direta com a Fonologia do que questões ligadas à acústica.

Pensando nisso, a grande contribuição de Chomsky e Halle (1968), está na análise de traços definidos por parâmetros articulatórios⁵, mas que conservam as oposições binárias.

⁵ De fato, o único traço acústico presente em S.P.E (The Sound Pattern of English) é o [estridente]

Consequentemente, assume-se que o traço é uma unidade de fato opositiva. A Fonologia Gerativa Padrão (FGP), como ficou conhecido esse modelo de análise, procura apresentar uma teoria fonológica que seja baseada em critérios como naturalidade, simplicidade, predibilidade e plausibilidade fonética. Portanto, além de descrever os processos fonológicos, a teoria busca explicá-los de maneira econômica (sem redundâncias) e natural. Ou seja, dentre todos os traços fonéticos, a língua seleciona alguns para operarem distinções e, consequentemente, realizarem suas oposições fonológicas. Essas formulações podem ser consideradas um desenvolvimento da proposta inicial de Jakobson, Fant e Halle (1952), porém Chomsky e Halle (1968), em *The Sound Pattern of English*, ainda representam os traços em feixe, dispostos em matrizes, sem uma hierarquização. São eles⁶:

- Traços de Classes principais
 - ✓ Soante;
 - ✓ Silábico;
 - ✓ Consonantal.
- Traços de cavidade
 - ✓ Coronal;
 - ✓ Anterior;
 - Traços do corpo da língua:
 - ✓ Alto;
 - ✓ Baixo;
 - ✓ Posterior;
 - ✓ Arredondado.
 - Traços de aberturas secundárias:
 - ✓ Nasal;
 - ✓ Lateral.
- Traços de modo de articulação
 - ✓ Contínuo;
 - ✓ Metástase retardada;
 - ✓ Tenso.
- Traços de fonte

⁶ A representação dos traços foi retirada de Matzenauer (2005, p. 20-21)

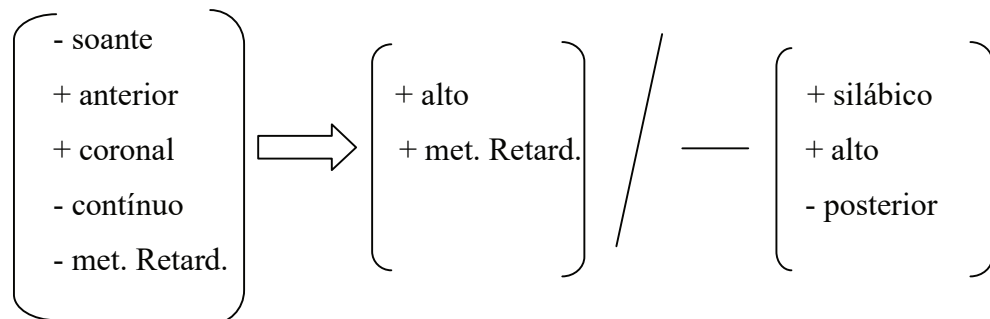
- ✓ Sonoro;
- ✓ Estridente.
- Traços prosódicos
 - ✓ Acento;
 - ✓ Tom;
 - ✓ Duração.

Vejamos como a teoria dos traços distintivos possibilitou uma representação dos processos fonológicos mais simples, natural e econômica comparada às possibilidades do formato estruturalista. Usaremos como exemplo a palatalização das oclusivas alveolares diante da vogal alta anterior /i/, um processo fonológico muito produtivo em alguns dialetos do PB:

Estruturalismo:

$$/t,d/ \rightarrow [t^{\text{h}}, d^{\text{h}}] \text{ / } _i$$

Gerativismo:



O modelo estruturalista é somente descritivo enquanto o modelo gerativo é mais explicativo por evidenciar as motivações fonéticas do processo, já que a oclusiva torna-se alta por influência da vogal alta. Além disso, apesar de visualmente a representação gerativa parecer mais complexa, ela de fato é mais simples, por trabalhar com um menor número de traços envolvidos no processo: lembremos que a representação /t/ corresponde a toda matriz fonética do segmento, não somente seus traços fonológicos.

Não podemos perder de vista que o Gerativismo surge da ideia de que a linguagem é inata, portanto, a língua está dentro do homem. Sendo assim, esse campo epistemológico propõe-se a criar conceitos que sejam aplicados a todas as línguas naturais devido ao seu

caráter universal⁷. Entre eles, a noção de bijetividade afirma que para cada segmento há uma matriz e para cada matriz há um segmento, o que vincula necessariamente a existência de ambos em uma relação de “um para um”.

Tudo isso serviu para tornar mais explicativas as representações de inúmeros processos fonológicos os quais o Estruturalismo conseguia somente descrever, mas não explicar de maneira natural, simples e plausível foneticamente. Porém, a mesma bijetividade tornou-se uma mordalha à teoria, quando, na busca incessante pelos universais linguísticos, a Fonologia deparou-se com os contornos tonais, de línguas africanas, e os segmentos de contorno, como as oclusivas pré-nasalizadas presentes em línguas indígenas americanas. A FGP viu-se diante de um problema a ser resolvido.

O estopim desta nova discussão começou justamente com John Goldsmith (1976). Ao realizar estudos com línguas tonais, o autor percebeu que o modelo linear não conseguia explicar assimilações que ultrapassavam os limites do segmento – como as harmonias e espalhamentos – ou que ficassem aquém do domínio segmental, como os referidos segmentos de contorno. Surge, com isso, um modelo não linear que postula que os traços organizam-se internamente em nós hierarquicamente dispostos em conjuntos funcionalmente independentes. O autossegmento seria, desse modo, um traço que tem certo grau de independência em relação aos domínios do segmento a que ele pertence.

As propostas de representação dos modelos autossegmentais são muitas [MOHANAN (1983), CLEMENTS (1985), SAGEY (1986), McCARTHY (1988), KAISSE (1992), CLEMENTS E HUME (1995), HALLE ET alii (2002)]. Dentre eles, o mais conhecido e citado, sobretudo no Brasil, é o modelo proposto por Clements e Hume (1995).

Trabalharemos com todas elas no intuito de encontrar um modelo que se enquadre melhor na representação do processo de Debucalização. Parece que esse é um problema que tem persistido dentro da Fonologia Autossegmental, pois alguns traços não encontraram um lugar mais apropriado dentro da representação arbórea das geometrias. Alguns problemas já foram identificados e várias modificações já foram propostas, o que permite afirmar que em alguns casos a Fonética não estava a serviço do que a Fonologia apresentava. Sobre isso, D’Angelis (1998) afirma que “a concepção de Trubetzkoy, com suas ‘férteis sugestões’ – que não ganhou desenvolvimento quer na tradição jakobsoniana, quer na tradição gerativa – ‘pode ser vista como um importante precursor’ do modelo autossegmental e das geometrias de traços” (p. 74).

⁷ O caráter universal da linguagem era um princípio estruturalista presente, por exemplo, já no PSA (Preliminares to Speech Analysis). A inovação do Gerativismo é a incorporação do inatismo.

Assim, a representação dos segmentos glotais, que não têm articulação na cavidade oral, fica comprometida nestes modelos, como trataremos adiante, no capítulo 4.

2 DEBUCALIZAÇÃO: CONCEITOS E PADRÕES DE OCORRÊNCIA

A debucalização é um processo que vem sendo percebido durante décadas em muitas línguas nos mais diferentes troncos linguísticos, por exemplo, na família de línguas românicas, tronco Indo-europeu, e no tronco Tupi. São muitas as suas definições, e são poucos os estudiosos que trazem um conceito aprofundado acerca desse processo fonológico. Na definição que ora assumimos, a debucalização é um processo fonológico em que um determinado segmento deixa de ter ponto de articulação na cavidade oral e passa a ser realizado somente na região laríngea, ou seja, o segmento perde seus traços de articulação oral. O resultado do processo, portanto, é uma fricativa glotal [h], produto do processo que acontece com fricativas, quer sejam anteriores, centrais ou posteriores. Num sentido mais amplo e aplicável a qualquer segmento de qualquer sistema linguístico, o termo *debucalização*, que já aparecia nas análises de Goldsmith (1976) quando o mesmo explica o destino da consoante fricativa alveolar em posição de coda no espanhol, também pode ser entendido como um segmento subespecificado para traços de ponto de articulação. O Estruturalismo a caracteriza, no Português Brasileiro, como arquifonema nasal em posição final de sílaba /N/, tendo sido assim tratado por Câmara Junior (1970), em *Estrutura da Língua Portuguesa*. Nesse caso, o segmento é dito debucalizado porque nele não está especificado o ponto de articulação na cavidade oral. Segundo Câmara Júnior (1970, p.52):

É também como arquifonema nasal (só marcado pela ressonância nasal e não pelas modalidades do embaraço da boca) o elemento consonântico nasal pós-vocálico, que, como já aludimos, convém postular fonemicamente nas chamadas vogais nasais portuguesas, cuja transcrição fonêmica fica, pois /aN/, /eN/, /iN/, /oN/, /uN/.

Nesse sentido, a consoante nasal pós-vocálica não possui um ponto de articulação especificado, pois ela o assimila foneticamente a depender do segmento seguinte, que pode ser bilabial, labiodental, alveolar ou velar, conforme representação abaixo:

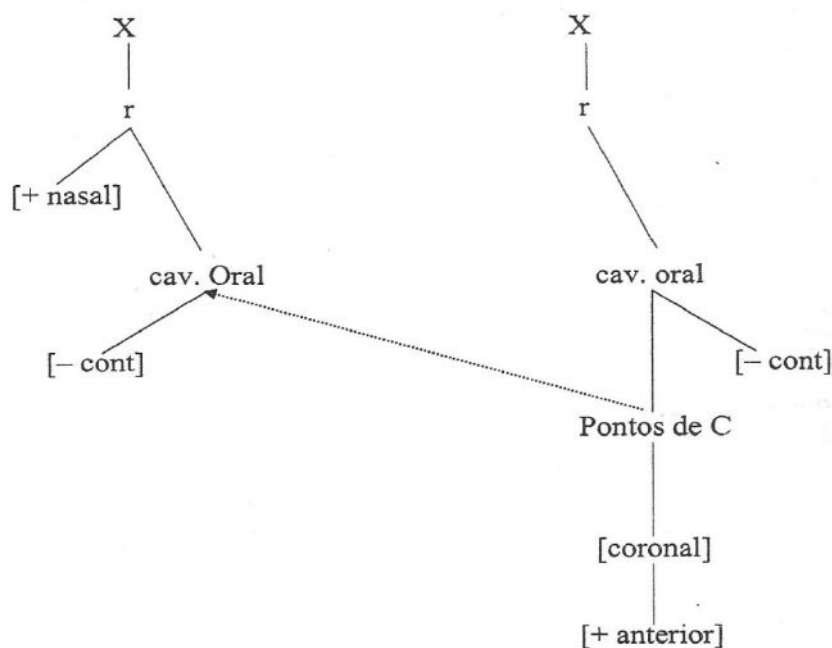
Quadro 1 – Representação da neutralização das nasais em posição de coda no PB, segundo Câmara Jr. (1970)

Ortografia	Transcrição fonética	Transcrição fonológica
Bando	[ˈbẽˈdũ]	/baNdu/
Samba	[ˈsẽˈmɐ]	/saNbu/
Congo	[ˈkõˈɡũ]	/koNgu/

Fonte: elaboração própria.

Essa noção de debucalização presente no Estruturalismo, por meio da descrição de segmentos conhecidos como arquifonemas, foi recuperada pelos modelos não lineares como segmentos subespecificados. Por meio da geometria de traços proposta por Clements e Hume (1995), o arquifonema nasal pode ser representado da seguinte forma:

Figura 2 – Representação autossegmental do processo de neutralização das nasais, segundo Matzenauer (2005)



Fonte: Matzenauer (2005, p. 56)

Na geometria acima temos especificados os traços que caracterizam qualquer consoante nasal do português em posição de coda (C)VC. O ponto de articulação só pode ser especificado após um compartilhamento de traços com a consoante seguinte. Neste caso, está representada uma consoante alveolar nasal porque, no nó Ponto de C, o traço da consoante da direita é [coronal], é o que acontece em palavras como *canto* e *bando*.

Como podemos perceber, então, o termo *debucalização* tem sido usado em fonologia para designar qualquer som que não esteja “dentro da boca”, seja porque não é especificado, no nível profundo, para ponto de articulação, seja porque perde o seu ponto e não é realizado dentro da cavidade oral. Neste trabalho tratamos especificamente do processo de debucalização que converte fricativas labiodentais, alveolares ou palatais na fricativa glotal [h], em algumas variedades do PB, como na palavra /ʒeNte/ x [hēt̪ɪ]. Largamente observado em várias regiões do país, o processo já havia sido notado por Silveira Bueno (1944, p. 22),

cuja citação é hoje tida como politicamente incorreta. Apesar disso, já registrava a debucalização:

Há no Norte do Brasil todo e também no Rio de Janeiro, talvez por causa do grande número de nortistas aí residentes, um r gutural [...]. De estudos por nos feitos em vários meses de observação nos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e na cidade do Rio de Janeiro, notamos que, em muitas pessoas, mormente quando o nível intelectual é inferior, este r gutural já se vai transformando em pura aspiração representada pelo h ou pelo j em espanhol.

Essa constatação de Bueno refere-se ao que ocorreu com o /R/ fricativo em muitos dialetos do PB, e essa informação também foi constatada por Câmara Júnior (1970), ao afirmar que:

Já nas vibrantes a língua vibra, quer num só golpe junto aos dentes superiores, para /r'/ brando, quer, para o /r/ forte, em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção faríngea.(p. 50)

Em relação aos pesquisadores que se tornaram consagrados nas últimas décadas do século passado, não há pesquisas a respeito do tema no que concernem às consoantes fricativas às quais esse trabalho aborda. No entanto, o fenômeno é conhecido e vem sendo (re) interpretado ao longo da historiografia linguística. Como coloca Abaurre e Sândalo (2003), tratar estes processos que resultam em segmentos glotais como *debucalização* é uma releitura, nos moldes da Fonologia Gerativa, do processo de *enfraquecimento* ou *lenização*, considerado pela Fonologia Estruturalista:

Uma mudança de vibrante para fricativa glotal é explicada na geometria de traços como debucalização, mas pode também ser facilmente explicada pelo estruturalismo como um processo de enfraquecimento, não sendo, portanto, algo idiossincrático de uma corrente teórica. Callou, Leite & Moraes (2002) afirmam que a ‘fricativa glotal surda é a predominante em muitos dialetos’ (p. 544) e que ela ocorre por um processo de enfraquecimento (nas palavras dos autores, “relaxamento da articulação”) em direção a um desaparecimento. Este processo é bastante bem representado pelo que se denomina debucalização, na fonologia gerativa.⁸ (ABAURRE e SÂNDALO 2003, p. 167)

⁸ Essa definição é usada pelas autoras para explicar o processo de “enfraquecimento” dos róticos. Segundo elas, os róticos reconhecidos fonologicamente sofrem processos que os levam a perder sua produção no trato oral, mas na estrutura subjacente da língua mantém-se o elemento subespecificado para ponto de articulação. Prova disso é que o elemento reaparece nas junções de palavras:

Mar – [ˈmah]

Mar alto – [maˈrawto]

Concentraremos nossa análise no processo que converte fricativas de ponto de articulação oral /s/, /z/, /v/, /j/ e /ʒ/ em fricativa glotal [h], através da perda de pontos supralaríngenos. Para análise desse processo, levaremos diretamente em conta três línguas: duas do tronco indo-europeu, da família românica (espanhol e português brasileiro) e uma do tronco Tupi (Nhandewa-Guarani).

2.1 O ESPANHOL

2.1.1 O espanhol chileno

Este subtópico baseia-se, entre outros estudos, na análise realizada por Pettorino (2002) para o espanhol chileno, que denomina o segmento debucalizado de “La aspirada laríngea”.

Embora nosso foco seja o espanhol falado no Chile, tanto rural quanto urbano, vale ressaltar que a aspiração do /s/ em posição de coda, de acordo Pettorino (2002) é um fenômeno que:

Surgiu em meados do século XVIII e hoje é encontrado na parte Meridional da Espanha, em Cuba, na América Central, Venezuela e Costas do México, Colômbia, Equador e Norte do Peru, além do Cone Sul da América do Sul, conforme Canfield (1962) [...].

O fenômeno foi verificado em diferentes condicionamentos linguísticos e em todas as classes sociais. Além disso, pesquisadores como Tassara e Duque (1986) atestam, inclusive, que a produção do segmento aspirado se dá no ato da leitura.

Em se tratando de início de palavra e início de sílaba, o segmento aspirado ocorre em poucos dialetos, principalmente na fala popular de comunidades rurais dos gaúchos, onde se realiza determinadas formas da seguinte maneira:

Salió solo > [haljo holo]
Casa > [kaha]
Mesa > [meha]

Na posição de coda silábico, a proporção se inverte, já que a produção desse segmento é abundante:

El fenómeno se halla bastante generalizado em el habla chilena de todos los niveles. Así lo señala, por ejemplo, para Santiago, Wigdorsky, 1978, PP. 56-57,8., cuando comprueba que ‘em tres de los entornos considerados [...] hay una tendencia muy notoria por la aspiracion de La /s/ - 88% como promedio – em desmedro del alófono sibilante’. Por su parte, Cepeda [...] confirma que ‘los alófonos no sibilantes’ ocurren em posición final de sílaba y preferentemente ante consonante, com predominancia de la aproximante glotal [h]. (PETTORINO, 2002, p. 27),

Observa-se, então, que o fenômeno é muito comum na fala dos chilenos, e os condicionamentos linguísticos mais relevantes referem-se à posição silábica: /V_C/; /V_#C/ /V_#/ e /V_#V/. Interessante destacar que, ao contrário do PB, que será tratado posteriormente, o segmento em final de palavra tende a se juntar com a vogal seguinte em forma de aspirada.

Com base nos dados do autor, aproveito para concluir que esse é um indício de que o segmento glotal já está lexicalizado na língua espanhola na posição de coda em final de palavra, pois, mesmo mudando para a posição de ataque ao se juntar com uma vogal, o segmento continua aspirado, embora não seja esta posição silábica favorável para este tipo de segmento. Inclusive, adiante proponho que o mesmo tratamento seja adotado para o item lexical *mas*, no dialeto de Vitória da Conquista.

Abaixo alguns exemplos referentes aos principais ambientes:

Quadro 2 – Debucalização no espanhol chileno

Condicionamentos linguísticos	Grafia	Transcrição fonética
/V_#C/ e /V_#/	Las manos blancas	[lah manoh blankah]
/V_#V/ e /V_#/	Los ojales azules	[loh oxasoh asuleh]

Fonte: Pettorino (2002, p. 27)

No espanhol chileno, há casos em que, a depender do contexto, a fricativa glotal desaparece. Os ambientes propícios para o desaparecimento são dois: (i) quando o segmento é sucedido por fricativas surdas; (ii) quando são sucedidas por oclusivas surdas. Nesse caso, acontece também um espalhamento de traços, pois a aspiração do segmento glotal é incorporada pela vogal precedente. Além disso, transforma a consoante oclusiva sonora subsequente em surda e no caso das [+soante] tornam-nas mais alongadas:

los fósforos [lo ɸoɸoroh]

los sapos [lo sapoh]

los chicos [lo ʃikoh]

los patos [lɔ patoh]

las tapas [la tapah]

rasgado [rahɣaðo]

resbalar [rehβalar]

los datos [loh datoh] > [lo:θatoh]

abismar [aβismar] > [aβihm\$mar] > [aβi:m\$mar]

tiznado [tisnaðo] > [tihnaðo] > [ti:n\$nao]

hazlo [aslo] > [ahlo] > [a:l\$lo]

Fonte: Pettorino (2002, p. 30-31)

O espanhol chileno popular mostra uma tendência que ocorre quando surgem os segmentos glotais na língua. A debucalização, nesses casos, é resultado de um processo de enfraquecimento e pode levar, inicialmente, ao desaparecimento do som na superfície, e em seguida, como veremos nas línguas indígenas, ao desaparecimento na estrutura subjacente.

2.1.2 O espanhol em outras regiões da América Latina

Os estudos de inúmeros pesquisadores têm mostrado que o segmento glotal possui grande destaque em diversos países onde o espanhol se tornou língua materna. Na própria Espanha, por exemplo, Morris (*apud* PEDROSA, 2009) afirma que o segmento pós-vocálico acontece quando seguido de consoantes [- voz] ou [+ soante]. O fenômeno é tão evidente que, em alguns casos, a produção desse segmento é superior ao segmento alveolar, conforme, por exemplo, Cedergren (1973, *apud* PEDROSA, 2009), ao analisar dados do espanhol panamenho:

Tabela 1 – Resultados de Cedergren (1973) sobre o /s/ pós-vocálico final no espanhol panamenho

Variantes	%
[s]	11
[h]	41
[ø]	48

Fonte: Pedrosa (2009, p. 14).

Já em relação ao espanhol colombiano, foram pesquisadas questões estilísticas ligadas à Sociolinguística, que também confirmam que, em ambiente de menor policiamento linguístico, o falante tende a produzir mais amplamente o segmento debucalizado. Segundo Lafford (1982, *apud* PEDROSA, 2009), em situação de maior formalidade, a forma de maior prestígio, nesse caso, a mais antiga, tende a ser mais utilizada:

Tabela 2 – Resultados de Lafford (1982, citado em Morris, 1998) sobre o /s/ pós-vocálico em relação ao estilo no espanhol colombiano

Estilo	[s]	[h]	[ø]
Casual	20	35	45
Cuidadoso	28	39	33
Leitura	66	17	16
Lista de Palavras	87	5	8

Fonte: Pedrosa (2009, p. 15).

Ambas as tabelas são um indício de que nos dialetos do espanhol tratados há uma tendência de enfraquecimento desta consoante em posição de coda, o que aponta para uma tendência da língua eliminar esse segmento. Além disso, há outros processos compensatórios que ocorrem em diferentes dialetos, como assimilação por parte da consoante seguinte, que possibilita ora deixar uma marca de aspiração, ora transformá-la, como coloca a autora, numa consoante geminada – su[s]to > su[h]to > su[t]to. De acordo com Pedrosa (2009), “algumas observações importantes são feitas por Morris (2000), uma delas se refere ao fato de a aspiração envolver a supressão de traços existentes e proibir a inserção de novos traços, relacionando, dessa forma, a aspiração ao apagamento.” (p. 16). Essa afirmação confirma a ideia de que é mais fácil um segmento perder traços do que ganhá-los, como é o caso da debucalização.

Isso nos leva a pensar que o processo de debucalização não é o fim, mas sim a consequência para uma possível eliminação do segmento na sílaba (C)VC. É consenso que as línguas preferem outro tipo de estrutura e talvez seja essa a estratégia que o sistema linguístico espanhol vem usando na tentativa de alcançar o padrão CV, ideal para o processo articulatorio recorrente de abertura e fechamento do trato vocal.

2.2 A DEBUCALIZAÇÃO NO TRONCO LINGUÍSTICO TUPI: DO PROTO TUPI-GUARANI AO NHANDEWA-GUARANI

Os estudos de línguas indígenas no Brasil têm contribuído para que as teorias fonológicas passem por transformações, uma vez que seus postulados, embora tivessem a

finalidade de ser universais, não davam conta de contemplar alguns aspectos das línguas que fogem de uma ótica eurocêntrica.

Além de suscitar uma nova abordagem acerca dos segmentos de contorno e da nasalidade – processos que já incomodavam autores como Anderson (1975) e Goldsmith (1976) nos primórdios do modelo autosegmental –, tais línguas possuem peculiaridades outras que são encontradas também em línguas sem parentesco, mostrando sua tendência de universalidade. O processo de debucalização, como veremos na seção seguinte, é recente para muitas fricativas do PB. No entanto, algumas línguas indígenas registram-no há algum tempo, conforme estudos apresentados por alguns linguistas.

Costa (2010) argumenta que na língua ancestral da família Tupi-Guarani, o Proto-Tupi-Guarani, houve um momento de separação dessa proto língua que deu origem a dois ramos linguísticos: O Proto-Tupi e o Proto-Guarani.

Nesse momento, é possível verificar a presença de dois fonemas que ocupam posições semelhantes no sistema fonológico de cada língua: de um lado o /s/ do ramo Tupi e do outro o /h/ do ramo Guarani. A grande questão seria identificar qual desses dois fonemas é o mais primitivo. Para Costa (2010), após uma análise consistente com base em estudiosos como Rodrigues (1945), Edelweiss (1947) e Jensen (1989), fica evidente que /s/ é o mais primitivo pelo seguinte fato:

Se, por um lado, pensamos na relação entre dois fonemas, /s/ e /h/, fica-nos relativamente claro que, o primeiro, ao perder seus traços de Cavidade oral, realiza-se como o segundo. Isso não esgota a questão, já que ambos poderiam gerar tanto um quanto outro fonema, porém, parece-me mais viável a perda de um nó Cavidade Oral do que o surgimento de um, a não ser que fosse motivado por um contexto ‘muito favorável’ para essa aquisição, em termos autosegmentais. Portanto, é mais simples e plausível que o fonema /s/ perca seus traços da cavidade oral e se torne /h/, do que o contrário. (COSTA, 2010, p. 111)

Há vários indícios de que os processos fonológicos das línguas naturais seguem esses pressupostos. O quadro 3, apresentado em Costa (2010), mostra o processo de debucalização que, a partir do Proto-Tupi-Guarani, teria resultado em três diferentes formas, no Tupi, no Guarani e no Nhandewa-Guarani (uma variedade Guarani). Diferentemente do português, as línguas do ramo Tupi-Guarani têm uma série de fricativas pouco estável⁹.

⁹ Sobre este assunto, ver COSTA e IVO (2012).

Quadro 3 - /s/ Tupi : /h/ Guarani : /P/ Nhandewa

Tupi	Guarani	Nhandewa	Português
/kwara'si/	/kwara'hi/	/kwara'i/	sol
/kwe'se/	/kwe'he/	/kwe'ε/	ontem
/sa'tã/	/ha'tã/	/a'tã/	duro
/a'sa/	/a'ha/	/a'a/	Eu vou
/mbosa'pãt/	/mboha'pi/	/mboa'pi/	três
/so'ʔo/	/ho'ʔo/	/o'ʔo/	carne
/se'mbe/	/he'mbe/	/ε'mbe/	lábio
/se'ta/	/he'ta/	/ε'ta/	muitos
/ase'ndu/	/ahe'ndu/	/aε'ndu/	eu escuto
/a'so/	/a'ha/	/a'a/	eu vou
/sa'ku/	/ha'ku/	/a'ku/	quente
/mo'sagg/	/mo'hagg/	/mo'ã/	remédio
/sapu'kaja/	/sapu'kaj/	/tsapu'kaj/	gritar
/sa'po/	/ha'po/	/a'po/	raiz (dele)

Fonte: Costa (2010, p. 116).

O quadro 3 mostra que o fonema /s/, possivelmente presente na língua que foi a ancestral comum de todo o ramo Tupi-Guarani, o Proto-Tupi-Guarani, manteve-se no Tupi (Antigo), mas teve muitas de suas ocorrências no Guarani (tanto no Antigo quanto nas variedades modernas), convertidas na fricativa glotal [h], tendo sofrido, portanto, um processo de debucalização. Na língua Nhandewa, esse som desapareceu completamente do sistema fonológico. O Nhandewa, aliás, não possui consoantes fricativas em seu sistema, já que, historicamente, através de processos fonológicos variados, a língua eliminou ou transformou todas as consoantes fricativas, que eram pontos fracos do sistema, mais suscetíveis, portanto, a processos fonológicos. O Nhandewa-Guarani possui o seguinte quadro fonológico, como apresentado por Costa (2010):

Quadro 4 – Sistema fonológico do Nhandewa-Guarani, conforme Costa (2010)

Obstruintes	p	t	ts	tʃ	k	kw	ʔ
Soantes	mb	nd	r	j	uɿ	w	

Fonte: Costa (2010, p. 46)

Tomando o funcionalismo sistêmico e seus postulados como base, notamos que não há um grupo de consoantes fricativas nessa língua porque, conforme o quadro, o fonema /s/, presente no Tupi, não é encontrado no guarani, língua na qual só existe o fonema /h/. No

Nhandewa o /h/ foi eliminado do sistema fonológico. As variações e consequentes mudanças linguísticas podem ser explicadas através das fracas oposições que os sistemas estabelecem. No caso da língua em questão, sua maior oposição se estabelecia entre obstruintes e soantes e não entre obstruintes descontínuas (oclusivas) e obstruintes contínuas (fricativas): o sistema de obstruintes é marcado pela presença de oclusivas e africadas. Essas constatações nos remetem ao que Mattos-e-Silva (2008), ao relatar as ideias de Martinet, conclui:

Martinet parte do princípio de que o germe da mudança do sistema está nos seus ‘pontos fracos’. Ele vai explorar esse conceito de ‘ponto fraco’ relacionando-o com os conceitos de ‘função’, ‘estrutura’ e ‘economia’. Partindo do princípio de que a função do fonema é distinguir signos, se faz necessário que os fonemas se mantenham distintos para que a comunicação se realize. Associado a isso, explora a noção de rendimento funcional dos fonemas: o maior ou menor ‘rendimento funcional’ está em relação direta com a maior ou menor estabilidade do fonema no sistema. [...] Martinet demonstra que quanto mais integrado, nesses feixes, correlações e pares opositivos, mais estável é o fonema. Assim tenderá a não mudar. (p. 38)

Conforme observado no quadro fonológico do Nhandewa, é possível perceber que a fricativa glotal estava em ‘desequilíbrio’ no sistema uma vez que não encontrava nenhum segmento que fizesse oposição quer bilateral, quer multilateral, nos termos de Trubetzkoy. Pensando em oposições sistêmicas maiores, nessa língua o desaparecimento da fricativa glotal deu-se pela não preferência a obstruintes contínuas.

2.3 AS FRICATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Diferente das línguas Tupi, o português possui uma série de fricativas bastante estável em seu sistema fonológico, o que resulta do fato de serem muito produtivas: essas consoantes ocorrem em quase todos os pontos de articulação, há sempre oposição entre [surdo] x [sonoro] e formam sílaba com todas as vogais. Tudo isso faz com que a série de fricativas do português seja uma série mais estável e, por isso, menos sujeita a sofrer processos fonológicos. Devemos lembrar que há uma tendência de que os processos fonológicos ocorram nos chamados “pontos fracos” do sistema, pontos de instabilidade, como *oposições isoladas*, lacunas ou elementos que não participam de *oposições multilaterais*, conforme Trubetzkoy (1939).

No grupo de fricativas afetadas pelo processo, somente /v/, /z/ e /ʒ/ sofrem-no em posição de *onset* (ataque) silábico. Isso foi constatado por Aragão (2009) no estado do Ceará e também foi encontrado no dialeto baiano de Vitória da Conquista, embora em menor quantidade e com a primeira e última consoantes. A consoante /v/, que somente aparece na

posição de ataque, materializa-se das duas formas, ou seja, ora [v] ora [h], tanto em início de palavra quanto em início de sílaba em posição medial e as outras duas /z/ e /ʒ/, além desse contexto, podem aparecer em posição de coda:

¹⁰Vamos - /vamos/ > [hẽmus]
 Fazenda - /fa'zeNda/ > [fa'fieⁿdɐ]
 Tava - /es'tava/ > [tahɐ]
 Gente - /ʒeNti/ > [hẽtʃɪ]

Os segmentos consonantais descritos acima são segmentos estáveis no sistema fonológico do PB e estão em equilíbrio porque formam pares que se opõem bilateralmente, ou seja, têm somente um dos traços diferente, e opõem-se proporcionalmente, já que a mesma oposição repete-se nos demais pontos de articulação possíveis.

No PB, não há essa instabilidade e o que parece motivar a debucalização é a posição silábica. O ataque é uma posição mais estável, se comparado ao coda, uma posição mais propícia à variação. As consoantes em posição de coda no PB, representadas pelos arquifonemas /N/, /L/, /R/ e /S/, segundo o tratamento de Mattoso Câmara Jr (1970)¹¹, passaram por processos fonológicos e os dois últimos segmentos, /R/ e /S/, admitem mais uma forma de realização fonética: [h]. Nos dados de Vitória da Conquista, foram encontradas realizações de [h] para o arquifonema /S/, mas nunca para o fonema /s/ em posição de ataque. Além disso, os mesmos dados mostram que as realizações de [h] na posição de ataque, restringem-se ao fonema /v/ e ocorre com poucos itens lexicais.¹²

Os segmentos fricativos debucalizados que aparecem com maior frequência nos dados de Vitória da Conquista/BA são aqueles que ocorrem em final de sílabas ou de palavras, representados pelo arquifonema /S/, podendo ter ainda, nos vários dialetos brasileiros, as realizações fonéticas [s], [z], [ʃ] e [ʒ]. Como sabemos, o ponto de articulação, nesses casos, é uma variação dialetal e o vozeamento é resultado do ambiente, ou seja, depende da sonoridade da consoante seguinte.

¹⁰ Os dados mostram o processo na posição de ataque, mas não será esse nosso foco, visto que sua realização ainda é estatisticamente pequena, não sendo encontrada na maior parte dos dialetos do PB. No entanto, buscaremos explicações para o fenômeno nessa posição em outra seção.

¹¹ Sobre este tema, ver D'ANGELIS (2002), um inovador tratamento para a fonologia do português brasileiro, que atualiza conceitos pragueanos.

¹² Parece se tratar de uma questão ligada à difusão lexical do verbo IR e do morfema que indica pretérito imperfeito dos verbos regulares, ou seja, verbos que terminam em “ava”.

No entanto, os mais suscetíveis à debucalização são os segmentos vozeados. No dialeto de Vitória da Conquista, foram encontrados dados do tipo ['defid̥ʒɪ] e ['mefimʊ], mas não há debucalização em vocábulos como [koⁿkistə], [sis'temə] e ['tɛʃt̪ɪ].

Essa constatação também foi feita por pesquisadores como Lucchesi (2009) e Hora e Pedrosa (2009) que afirmam ainda serem os fatores linguísticos mais relevantes que os fatores sociais nesse processo de variação. Embora esse fenômeno na série dessas fricativas apareça de maneira tímida, Lucchesi (2009) constatou, na capital baiana, que a debucalização aparece com uma frequência de 14% no português popular. Deste total, o aparecimento desse som é favorecido quando está em fim de palavra, seguido por uma consoante sonora. Além disso, ela é mais comum em sílabas tônicas. Hora e Pedrosa (2009) retomam algumas pesquisas sobre o fenômeno realizadas nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife¹³. Tanto na posição de coda medial quanto em final de palavras, os autores encontraram, respectivamente, as ocorrências: 6% e 10%; 0% e 0%; 0% e 0%; 5% e 7%. É possível concluir que as cidades de São Paulo e Porto Alegre, pelos dados, não apresentam a consoante fricativa glotal nesse contexto, enquanto Rio de Janeiro e Recife não só a apresentam, como comprovam a mesma preferência pelo ambiente linguístico quando comparada a Salvador.

Em suma, podemos verificar que o fenômeno no PB ocorre nas seguintes posições:

- /_V/ (geralmente restrito a poucos dialetos, principalmente na região nordeste com as consoantes /v/, /z/ e /ʒ/.)

Com o arquifonema /S/:

- /V_#V/
- /V_#C/
- /V_#C/

¹³ Todos os dados dessas capitais são referentes à fricativa em posição de trava silábica.

3 DEBUCALIZAÇÃO E ANÁLISE DO SISTEMA CONSONANTAL DO PB

O fenômeno em estudo, percebido por diferentes linguistas, aparece em muitas regiões do Brasil, inclusive, no sudoeste da Bahia, onde foram encontradas construções do tipo:

Professora, hoje [h]amos mais cedo?
O chefe tem que tratar a [h]ente bem.
Di[h]maio.
É me[h]mo, né?
A[h] menina.

A forma aspirada, funcionando como alofone posicional das fricativas produzidas na cavidade oral, ainda aparece de maneira tímida no dialeto dessa região, o que estatisticamente teria uma relevância pequena. Por conta dessa constatação e por entender que esse fenômeno se expande por diferentes regiões do Brasil, o trabalho se pauta numa análise fonológica que preza mais pela descrição e explicação sistêmica do que pela quantificação dos dados.

Nessa seção, pretende-se analisar dados já coletados por renomados pesquisadores brasileiros que trazem um olhar social para o fenômeno. O que faremos aqui é analisar o fato sob um prisma até então não encontrado na literatura da área. E esse pensamento remete ao que Saussure coloca para definir o objeto da Linguística e, ao mesmo tempo, justificar que um mesmo objeto da linguagem pode ser observado por diversos ângulos:

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre. [...] Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras. (SAUSSURE, 2006, p. 15)

Estamos diante de um mesmo elemento, no entanto, o ponto de vista será diferente, uma vez que tentaremos explicar o processo de variação (portanto, fonético) que ocorre no sistema do PB, nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre, onde diferentes fonemas fricativos podem ter diferentes realizações. Os pesquisadores supramencionados deram uma abordagem social para o fenômeno linguístico, levando em consideração questões diastráticas e diatópicas, além dos ambientes linguísticos propícios.

3.1 O FUNCIONAMENTO DO SISTEMA FONOLÓGICO DO PB

Mattoso Câmara Júnior (1970), em *Estrutura da Língua Portuguesa*, define que o português possui 19 fonemas¹⁴ em posição intervocálica e os distribui em cinco classes maiores: oclusivas, constrictivas, nasais, laterais e vibrantes, conforme quadro abaixo:

Quadro 5 – Sistema fonológico do PB segundo Câmara Jr (1970)

	Oclusivas		Fricativas		Nasais	Laterais	Vibrantes
Labiais	p	b	f	v	m		
Anteriores	t	d	s	z	n	l	r
Posteriores	k	g	ʃ	ʒ	ɲ	ʎ	ʀ

Fonte: Câmara Jr (1970).

Esse quadro, de acordo com D'Angelis (2002), mostra que Câmara Junior divide as consoantes do PB em dois grandes blocos: obstruintes *vs* soantes. Ao retomar a noção funcionalista explicitada anteriormente, nota-se que Câmara Jr., na explicação do enfraquecimento do R múltiplo vibrante, baseia seu argumento na herança do Círculo Linguístico de Praga: os elementos do sistema que estão em oposições fortes tendem a não sofrer mudança. No caso dos erres, em que a vibrante múltipla opunha-se ao tepe, o resultado era uma oposição isolada. O sistema se ajustou e transformou o R múltiplo em um R fricativo – que se realiza foneticamente como /x/ e /h/, tirando-o da condição de soante e o colocando na classe das obstruintes, o que aponta para a oposição principal do sistema: obstruintes x soante.

Como pensar, então, na variação das fricativas do PB, se elas se encontram numa oposição forte dentro do sistema, pois todos os pares se caracterizam por oposições bilaterais (somente há diferença na vibração das pregas vocais)? Talvez a explicação para esse fenômeno esteja em domínios maiores que o segmento ou numa leitura diacrônica dessa série.

Com o intuito de tratar mais acuradamente esta questão, nas duas próximas seções, faremos um percurso pela análise linguística não linear da sílaba. E, em seguida, uma análise diacrônica, na tentativa de explicar o comportamento das fricativas, passando pelo Latim Clássico, Português Arcaico até chegar ao Português Atual.

¹⁴ Embora tenha sido essa a definição mais usada dentro da fonologia, é importante ressaltar que o trabalho de Câmara Jr (2008) apresenta uma análise diferente e mais consistente a respeito dos fonemas do português, o que implica numa quantidade menor de segmentos funcionais da língua. Nesse momento, seu trabalho se aproxima muito mais de uma análise estruturalista europeia do que dos postulados, às vezes apenas descritivos, do estruturalismo americano.

3.1.1 Estrutura Silábica

Tornou-se lugar comum, em (quase) todas as análises linguísticas, principiar uma argumentação fonológica com os postulados estruturalistas de Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Aqui não poderia ser diferente, pois foi o “pai da Linguística no Brasil” que deu os primeiros passos para construir um campo de estudo sólido da ciência no nosso país. Isso é mais que evidente se pensarmos na historiografia da Linguística. Saussure postulou os axiomas estruturalistas e foi dentro da Fonologia que os postulados saussurianos materializaram-se, inicialmente. Tanto é que quando se fala em Estruturalismo pensamos primeiramente nos estudos fonológicos, ao passo que, quando se aborda sintaxe, todos associam ao Gerativismo ou a outro campo epistemológico.

Em *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, Câmara Jr (2008), ao descrever o quadro vocálico do português, traz à tona a noção de sílaba e aponta a vogal como núcleo silábico. Desta forma, além do núcleo, uma sílaba pode conter um aclave que antecede o núcleo e um declive que sucede este mesmo segmento.

O elemento que ocupa uma posição pré e pós-vocálica pode ser ora um glide, que a depender da língua terá um comportamento vocálico ou consonantal, ora um elemento consonantal¹⁵. Ao analisar a vogal como núcleo da sílaba, o linguista já dá indícios de que esse elemento torna-se indispensável na sílaba.

Em *Estrutura da Língua Portuguesa*, embora tenha sofrido forte influência do Distribucionalismo norte-americano, Câmara Jr. (1970) apresenta uma descrição mais detalhada acerca da estrutura silábica do português brasileiro e a inicia afirmando que:

Do ponto de vista fonético, entretanto, tem sido um árduo problema definir a sílaba. Tem-se partido do efeito auditivo (sílabas sonoras), da força expiratória (sílabas dinâmicas), do encadeamento articulatório na produção contínua dos sons vocais (sílabas articulatórias, descrita por Saussure numa parte importante do seu curso) (SAUSSURE, 1922:77s.), da tensão muscular durante essa série de articulações (sílabas intensivas, desenvolvida por Grammont, na base implícita das sugestões de Paul Passy[...] ou do jogo da musculatura peitoral, como estabeleceu Stetson numa elaboração mais rigorosa do conceito de sílaba dinâmica (STETSON, 1951). (CÂMARA JR, 1970, p. 53).

Para Câmara Jr, todas essas definições diferentes, que são de cunho fonético, vão apresentar um ponto em comum, que no caso seria seu núcleo – a vogal. Volta o autor, então,

¹⁵ A rigor, conforme análise do próprio Câmara Jr, Matheus (2000) e Bisol (1989), não existe glide no PB, na posição de aclave, já que a língua não possui ditongos crescentes.

à mesma definição dada na década de cinquenta. Para ele, a vogal no português sempre fará parte da sílaba, pois o núcleo se caracteriza como elemento principal. Logo, ao analisar a estrutura do português, ele descreve os seguintes moldes silábicos como: V, CV, CCV, VC, CVC ou CVV¹⁶.

Pensando nas duas últimas representações, encontramos um ponto polêmico: o glide, que se enquadra na posição final da sílaba, é uma vogal ou uma consoante? Se assumimos somente a estrutura CVC, temos no PB uma sílaba travada. Do contrário, as estratégias fonotáticas seriam mais complexas em virtude do acréscimo de mais um tipo de sílaba. Mas essa questão não se caracteriza como foco do trabalho, portanto, não será desenvolvida uma análise a respeito da natureza do glide (consoante ou vogal).

Para nossa análise o que fica de mais importante na descrição de Câmara Junior é o seu posicionamento em relação ao coda, pois nela podem-se encontrar processos fonológicos como alofonia posicional e neutralização. Sendo assim, fica implícita a informação de que o declive da sílaba tende a sofrer mais mudanças do que qualquer outro constituinte silábico.

Já numa perspectiva gerativa (ou da fonologia linear) não há muito que apontar, uma vez que os estudiosos não consideram a sílaba em sua análise. A grande contribuição para entendermos o que vem ocorrendo no PB, na série das fricativas, seria uma análise autosegmental. Faz-se antes necessário explicar o que seria autosegmento.

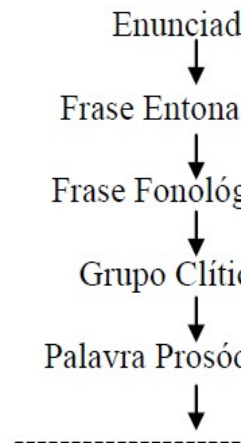
Os autosegmentos provêm de questões fonológicas que estão para além do segmento. Por exemplo, quando pronunciamos uma sílaba composta por uma consoante velar surda do tipo /k/ seguida de uma vogal posterior arredondada do tipo /u/, o segmento consonantal apropria-se do traço [arredondado] da vogal antes mesmo dela ser pronunciada, ou seja, esse arredondamento acontece porque se sabe que, após a consoante, o que vem é a vogal com essa característica. A esse processo dá-se o nome de co-articulação, característica que está acima do segmento, uma vez que, pela sua natureza fonológica, essa consoante não tende a ser arredondada. Na verdade, o autosegmento precisa se “ancorar” em um segmento para realizar-se.

Contudo, não podemos considerar que esse processo seja de ordem prosódica, uma vez que para ter tal classificação, o elemento deve incidir na sílaba e não no segmento. Logo, podemos distinguir dois tipos de elementos suprasegmentais: (i) aqueles que modificam segmentos e são portadores de articulação secundária; (ii) aqueles que caracterizam elementos maiores que os segmentos – a esses elementos dá-se o nome de elementos prosódicos.

¹⁶ Vale ressaltar que para ele a maior estrutura no PB é CCVVCC, no caso da palavra grãos - /grawNs/. Além disso, para ele não existe ditongo crescente no português.

Essas definições, propostas por Cagliari (1992), são de cunho fonético, embora possuam semelhanças com uma proposta fonológica. No entanto, há diferenças conceituais entre elas, e a Fonologia Prosódica, através de Nespor & Vogel (1986) e Hayes (1989), propõe a seguinte hierarquização dos constituintes prosódicos:

Figura 3 – Hierarquização dos constituintes prosódicos, segundo Nespor e Vogel (1986)



Fonte: Nespor e Vogel (1986).

A separação da figura em duas grandes classes mostra que o pé e a sílaba, unidades menores que a palavra, devem ser estudados pela Fonologia Métrica, enquanto os segmentos a partir da palavra prosódica devem ser objetos de estudos de uma interface entre Fonologia e Sintaxe.

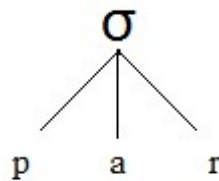
Esses estudos atuais acerca da prosódia criticam a postura da Gerativa Padrão, no momento em que se formula a ideia dos traços distintivos, colocando o acento, característica prosódica, como incidente somente sobre a vogal núcleo da sílaba, enquanto que, ao analisar o acento, torna-se evidentemente errado atribuí-lo somente ao núcleo da sílaba, já que o ritmo configura-se pela oposição entre sílabas acentuadas e não acentuadas. De fato, sabemos que a FGP desconsidera totalmente a sílaba em sua análise, o que também foi motivo de críticas.

O motivo mais claro para não se fazer esse tipo de incoerência está relacionado ao fato de que, para se caracterizar línguas de ritmo acentual, como é o caso do PB, é preciso levar em conta, em muitos casos, o peso silábico para padronizar a acentuação da língua. A sílaba pode ser composta de ataque e coda ramificados, numa perspectiva da teoria métrica da sílaba, conforme Selkirk (1982). O peso silábico está diretamente ligado à presença de coda, o

que atrai o acento e esse *default* da língua não é somente caracterizado pela presença do núcleo, que no caso do português é a vogal, visto que, caso o fosse, todas as sílabas seriam tônicas uma vez que todas elas têm em sua estrutura uma vogal.

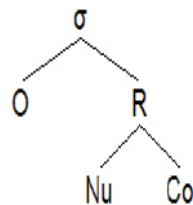
A teoria autosegmental da sílaba, criada por Kahn (1976), segundo Collischonn (2005), não trabalha com a noção de hierarquia, pois os segmentos estão ligados diretamente à sílaba. Por outro lado, Selkirk (1982) propõe, ao estudar a sílaba, uma hierarquização entre os seus componentes: o segmento do fim de sílaba possui uma relação mais direta com o núcleo do que com o segmento inicial (quando se tem uma estrutura do tipo CVC). Abaixo as duas representações:

Figura 4 – Representação da sílaba segundo Kahn (1976)



Fonte: Collischonn (2005, p. 101).

Figura 5 – Representação da sílaba segundo Selkirk (1982)



Fonte: Collischonn (2005, p. 102).

Na figura 4, encontra-se uma representação em que os constituintes menores estão diretamente ligados à sílaba. Já na figura 5 os sons estão divididos hierarquicamente: o núcleo (NU) e o coda (CO) estão ligados a um nível intermediário chamado rima (R), enquanto o ataque (O) liga-se diretamente ao constituinte silábico.

As duas representações possuem seus argumentos e contra-argumentos, e uma necessariamente não exclui a outra, pois um mesmo processo fonológico pode ser explicado por ambos os estudos. No entanto, no Brasil, a teoria que mais ganhou destaque foi a proposta de Selkirk – já que consegue explicar melhor, entre outras coisas, questões de acento ligadas intimamente com a noção de peso silábico – e são poucos os trabalhos que fazem menção à primeira teoria.

Tentar explicar o processo de debucalização por um viés em que os segmentos são hierarquizados talvez seja o mais adequado. Nos casos do arquifonema /S/, há uma justificativa de que sua variação com [h] ocorra por conta da posição de coda ser a mais propícia a variações/mudanças, uma vez que tal incidência sobre o fonema /S/, em posição de ataque, não pode ser atestada pelos dados¹⁷. Porém, o que justifica os casos de posição de ataque sofrer também variações – como /v/, /z/ e /ʒ/ - nos vocábulos apresentados neste trabalho?

Essa é uma explicação que pode ser dada por um viés diacrônico. Na próxima seção, discutiremos como esses três fonemas surgiram no português. Todos eles foram produtos de consonantização (no caso de /v/ e /ʒ/) e de palatalizações (no caso do /z/), mudanças que não ocorrem com o fonema /s/, por exemplo. O sistema do português tornou-se mais simétrico no que se refere ao vozeamento, mas grande parte dessas consoantes eram somente surdas. Além disso, se observarmos a escala universal de força, proposta por Hooper (1976), veremos que as contínuas sonoras estão mais propícias a sofrerem processos fonológicos do que as contínuas surdas.

Figura 6 – Escala de força de Hooper (1976)

¹³ Segundo Hooper (1976), a escala universal de força pode ser definida da seguinte maneira:

Fonte: Hooper (1976).

A consonantização dos glides, por exemplo, do latim clássico para o português foi possível, porque dentro dessa escala, o glide é o elemento mais propício a sofrer processos fonológicos porque seria o grupo com mais força de mudança.

A partir da análise da literatura na área, permito-me concluir que o que vai motivar a variação, no caso das três consoantes supracitadas, não é a posição na sílaba, mas o lugar que ocupam nessa escala, sendo, portanto, mais suscetíveis do que seus pares surdos. Já em relação às contínuas surdas, é possível notar que elas não sofrem processo fonológico na posição de ataque porque, embora sejam hierarquicamente idênticas às contínuas sonoras, no que se refere a sua posição na sílaba, são mais resistentes por conta da escala de forças, e sua

¹⁷ Há, inclusive, muitos processos fonológicos que comprovam que a posição de coda é uma posição fraca: semivocalização, enfraquecimento e apagamento.

variação dependerá de um contexto silábico, no caso a posição de coda, tida consensualmente pelos pesquisadores como a posição mais débil.

O fato constatado através dos dados mostra, por exemplo, segundo Lucchesi (2009), que o ambiente de consoante sonora ou soante seguinte ao /S/ em posição final de sílaba é o mais propício para a produção do segmento laríngeo. Isso me possibilita confirmar o que a escala de força aponta: os elementos sonoros nessa posição sofrem mais variação do que os surdos, pois as fricativas do PB em posição de coda tendem a assumir o vozeamento da consoante seguinte, portanto, elas se tornam sonoras uma vez são seguidas por elementos sonoros. Logo, somam-se aqui duas constatações importantíssimas: (i) as fricativas sonoras são menos resistentes ao processo de variação e mudança, segundo a escala de forças, proposta por Hooper (1976); (ii) a posição de coda favorece o processo de variação dessas consoantes.

Mesmo divergindo em grande parte de suas concepções, as duas teorias, que tratam a sílaba, valem-se da escala de soanticidade para explicarem os fatos – os elementos [- soante] e [+ sonoro], que estão nas margens da sílabas, quando fricativos, podem sofrer o processo de debucalização. Embora criada para fins autosegmentais relacionados ao fonema¹⁸, ambas as teorias se apropriam da noção da escala de soanticidade, já que a sílaba tende a ser organizada seguindo suas regras:

Tabela 3 – Escala de soanticidade de Clements e Hume (1995).

	[sonorant]	[approximant]	[vocoid]	Sonority rank
Obstruent	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Liquid	+	+	-	2
Vocoid	+	+	+	3

Fonte: Clements e Hume (1995, p. 269)

Quanto mais soante o elemento mais energia sonora ele terá e, conseqüentemente, estará apto a ocupar o núcleo da sílaba. De um modo geral, as vogais são “donas” dessa posição, mas em algumas línguas as consoantes nasais e líquidas, depois de algum processo fonológico, podem ocupar na superfície a posição central.¹⁹

¹⁸ Escala proposta por Clements & Hume (1995, p.269).

¹⁹ No inglês, por exemplo, as consoantes alveolares oclusivas /t/ e /d/ podem tornar-se glotais, o que possibilita o desaparecimento, ao menos na estrutura superficial, das vogais e coloca no centro da sílaba as soantes /n/ e /l/, como nos casos de *mountain* e *bottle*.

A sílaba junto com a escala de soanticidade não é suficiente para descrever de maneira minuciosa quais segmentos podem aparecer nas posições marginais da sílaba. Ambas as teorias não representam convenientemente o processo sem a necessidade de um filtro silábico, pois, apesar de ocuparem as margens da sílaba, não são todas as obstruintes que passam por esse processo, somente as fricativas. Se assumirmos uma abordagem autosegmental, percebemos que o processo ocorre nas margens da sílaba. Caso assumamos a sílaba como uma unidade hierarquizada, diremos que o fenômeno ocorre tanto na posição de ataque quanto na posição de coda.

Como o fenômeno ainda aparece de maneira tímida na posição inicial da sílaba complexa, usamos, ao longo do trabalho, não só a nomenclatura de Selkirk (1982), como também seus postulados, visto que o processo de debucalização na posição de coda é mais comum, conforme os dados apresentados.

3.1.2 As consoantes fricativas do PB: uma análise diacrônica

Talvez um dos mais importantes trabalhos sobre a diacronia da fonologia do português seja *O Português Arcaico: Fonologia, Morfologia e Sintaxe*, de Rosa Virginia Mattos e Silva. Nele, a autora, objetivando caracterizar o português arcaico, faz uso de textos escritos nos séculos XIII, XIV e XV, bem como do que os gramáticos do século XVI escreveram sobre esse período²⁰. Para entendermos o funcionamento dos diferentes sistemas, é importante comparar os quadros fonológicos do Latim Clássico e do PB.

²⁰ Nossa preocupação não é a de fazer uma divisão detalhada dos períodos anteriores ao português atual, mas sim entender o comportamento dos segmentos fricativos ao longo desse processo que é, de qualquer maneira, contínuo.

Quadro 6 – Sistemas fonológicos do Latim Clássico e Português Atual, segundo Mattos- e-Silva (2006)

SISTEMA LATINO “CLÁSSICO”						
modo de articulação	ponto de articulação	labiais		anteriores		síl
		simples	geminadas	simples	geminadas	
oclusivas	su.	p	-pp-	t	-tt-	
	so.	b	-bb-	d	-dd-	
constritivas	su.	f	-ff-	s	-ss-	
	so.	–	–	–	–	
nasais		m	-mm-	n	-nn-	
laterais		–	–	l	-ll-	
vibrantes		–	–	r	-rr-	

SISTEMA PORTUGUÊS ATUAL				
modo de articulação	ponto de articulação	labiais		anteriores
oclusivas	su.	p		t
	so.	b		d
constritivas	su.	f		s

Fonte: Mattos-e-Silva (2006, p.74).

Pelo quadro comparativo é possível perceber que o Latim Clássico tinha como oposição importante no sistema a duração das consoantes, uma vez que havia oposição entre consoantes geminadas e consoantes simples²¹. Esse era um sistema que não tinha preferência por fricativas, basta observar que havia apenas dois pares – um alveolar e outro labiodental. No processo de mudança, surgem novas fricativas, as sonoras /z/ e /v/, para estabelecerem oposição de vozeamento com as já existentes, e o par de segmentos que se opõe por oposição bilateral /f/ x /z/.

Segundo Mattos-e-Silva (2006), todo o processo de mudança ocorreu pelo enfraquecimento articulatorio ou lenização das consoantes geminadas. No caso das constritivas, houve uma simplificação das geminadas e uma sonorização das surdas simples: -f- se torna -v-, -ff- se torna -f-, -s- se torna -z- e -ss- se torna -s-. Além disso, as estruturas -ty- e -ky- tornaram-se no português -s- e -z-, e k{i,e} tornaram-se z-. Em relação às palatais, Mattos-e-Silva (2006) propõe:

²¹ De fato, o sistema fonológico do latim opõe sons longos e breves também entre vogais.

Figura 7 – Processo de palatalização, conforme Mattos-e-Silva (2006).

atual /s,z/ podem vir também da sonorização do /s/
plificação da geminada /ss/ (cf., antes c.).

PALATIZAÇÕES DE ANTERIORES DENTA E DE POSTERIORES VELARES.

Fonte: Mattos-e-Silva (2006, p. 80).

Entretanto, antes do aparecimento das fricativas em determinadas palavras no português atual, é possível notar a mudança de algumas consoantes oclusiva de maneira lenta e gradual. Esse percurso se deu de oclusivas para africadas – que podem ser verificadas no português arcaico, mas já presentes no Latim Imperial – e em seguida fricativas, conforme quadro abaixo proposto por Mattos-e-Silva (2006):

Quadro 7 – Processo de aparecimento das fricativas no português, segundo Mattos-e-Silva (2006)

/k/ivitate	>	/ts/	>	/s/idade	‘cidade’
/k/entum	>	/ts/	>	/s/em	‘cem’
/g/entem	>	/dʒ/	>	/ʒ/ente	‘gente’
pre/ty/um	>	pre/ts/	>	/s/o	‘preço’
pre/ty/are	>	pre/dz/	>	/z/ar	‘prezar’
au/dy/o	>	au/ts/	>	/s/o	‘ouço’
vi/de/o	>	ve/dʒ/	>	/ʒ/o	‘vejo’
fa/ky/o	>	fa/ts/	>	/s/o	‘faço’
spon/gy/a	>	espon/dʒ/	>	/ʒ/a	‘esponja’

Fonte: Mattos-e-Silva (2006, p. 76).

O quadro comparativo aponta para uma mudança nos traços hierarquicamente mais baixos – que são os pontos de articulação, como será visto na geometria de traços no último capítulo – resultantes de diferentes processos fonológicos. É evidente que uma oclusiva não se transforma numa fricativa rapidamente, houve um estágio intermediário que possibilitou o surgimento de uma série de africadas. No Português-galego (1200 – 1350), por exemplo, as africadas /ts/ e /dz/ são bastante produtivas, entretanto, na separação do galego-português, por volta de 1500, as africadas perdem sua borda oclusiva. Então, a partir da perda da parte oclusiva dos segmentos de contorno, houve o aparecimento (ou ampliação de ocorrências) de consoantes plenamente fricativas.

Para Mattos-e-Silva (2006), dois processos foram essenciais na mudança: a lenização e as palatalizações. As principais mudanças não ocorreram no início de palavras, pois “as consoantes latinas em posição inicial se mantiveram no português “(*pane*>*pão*; *bucca*> *boca*; *tela*> *teia*; *cane*>*cão*; *gallina*>*galinha*; *facere*> *fazer*; *salute*> *saúde*> *male*> *mal*; *nidu*> *ninho*; *lege*>*lei*; *rosa*>*rosa*).” (MATTOS-e-SILVA, 2006, p 77). Em relação às fricativas, Mattos-e-Silva (2006) explica que: (i) a fricativa sonora labiodental /v/ surge a partir do processo de consonantização da semivogal posterior [w]; (ii) a palatal sonora é resultado do processo de consonantização do glide anterior e do processo de palatalização do /g/ seguido das vogais /e,i/; (iii) a palatal surda é produto do processo de palatalização dos clusters consonantais <cl-, pl-, fl->; e (iv) a alveolar sonora aparece motivada por empréstimos linguísticos.

Houve um aumento do número de segmentos consonantais na posição de ataque da sílaba, mas em relação à posição final o que ocorreu foram algumas perdas. Para tornar a análise mais clara, fizemos o seguinte quadro comparativo, com base na análise de Mattos-e-Silva (2006):

Quadro 8 – Consoantes latinas e portuguesas em coda silábico, segundo Mattos-e-Silva (2006)

	Consoantes latinas em posição final	Consoantes portuguesas em posição final
Oclusivas	b, t, d, k	—
Africadas	—	—
Constritivas	s	S
Nasais	m,n	N
Laterais	l	L
vibrantes	r	R

Fonte: elaboração própria.

É interessante essa análise diacrônica porque nos permite entender o que acontece com o /S/ em posição de coda. Houve uma perda considerável de segmentos consonantais em final de palavra. Esse fato nos permite afirmar que o português atual é produto de perda nessa posição, isto é, torna-se viável que os principais processos fonológicos ocorram nessa posição. Na constituição das consoantes do português, verifica-se que o sistema eliminou as obstruintes, deixando apenas uma: /S/. Isso quer dizer que o PB tinha proporcionalmente mais soantes nessa posição – /L, N, R/ – do que obstruintes – somente /S/ –, o que talvez justifique a mudança pela qual o arquifonema /R/ vem passando nas últimas décadas, já que o sistema, buscando o equilíbrio, converteu a vibrante múltipla [r] numa fricativa [x] ~[h], confirme aponta D’Angelis (2002).

Sobre a distribuição dos constituintes na sílaba, pode-se afirmar que, na posição inicial, aumenta-se o número de elementos e na final, diminuem-se. Isso pode justificar o que vem ocorrendo com o arquifonema /R/ no PB: esse segmento se realiza em muitos dialetos como [h] e está perdendo força, sendo realizado somente como um alongamento compensatório vocálico em palavras como COR, MAR²². É um sistema que já foi formado com perdas, favorecido por essa posição que é tida como fraca. Sobre isso, Mattos-e-Silva (2006) aponta que:

O sistema português se tornou mais simétrico e equilibrado que o latino. Observe-se que, à semelhança das oclusivas, as novas constrictivas /v, z, ʃ, ʒ/ preencheram ‘as casas vazias’ das sonoras e das posteriores inexistentes no latim; além disso, as nasais e as líquidas apresentam no português elementos posteriores /N, L, r/ (p. 79)

Essa análise reforça o que apontamos anteriormente em relação ao PB: a série das fricativas é, sistemicamente, uma série estável. Entretanto, passamos a entender sua “instabilidade” atual quando pensamos nesses segmentos dentro da sílaba. Diacronicamente, o português perdeu, na posição final de sílaba, uma série de consoantes, o que nos leva a levantar outra questão: uma das variantes do PB não estaria caminhando para se tornar foneticamente uma língua de estrutura silábica do tipo CV?

3.1.3 A debucalização em algumas capitais brasileiras

3.1.3.1 A debucalização em Salvador

Dante Lucchesi (2009) faz um trabalho sociolinguístico minucioso sobre o /S/ em trava silábica, no português popular soteropolitano. Embora o foco de nossa pesquisa não se relacione a questões diastráticas, faz-se necessário esclarecer que o fenômeno não é exclusivo de nenhuma classe social. Isso porque, nos estudos das variedades faladas no Porto Alegre, Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e João Pessoa, conforme veremos na próxima seção, o estudo é realizado com o português culto.

Lucchesi (2009), ao analisar o /S/ na posição de coda, no português popular de Salvador, divide-o em quatro variantes. No entanto, somente os três primeiros contextos serão

²² Importante ressaltar que se trata apenas de uma constatação fonética, pois na estrutura subjacente da língua, como já foi apontado, o elemento está presente.

levados em conta neste trabalho: “(i) realização alveolar, [s] e [z]; (ii) realização palatal [ʃ] e [ʒ]; (iii) realização laríngea, [h] ou [ɦ]; e (iv) o zero fonético.²³” (LUCCHESI, 2009, p. 88). Em seguida, o mesmo apresenta uma tabela com o total de ocorrência das variantes:

Tabela 4 – As realizações do arquifonema /S/, número de ocorrências e frequência

Variantes	Nº de ocorrências/Total	Frequência
[s, z]	3.904/10.753	36%
[ʃ, ʒ]	3.708/10.753	34%
Zero	1603/10.753	15%
[h, ɦ]	1.538/10.753	14%

Fonte: Lucchesi (2009, p. 88).

A tabela 4 apresenta as ocorrências fonéticas do arquifonema /S/ e pode ser analisada diacronicamente da seguinte maneira: (i) o segmento alveolar talvez se mostre mais produtivo neste dialeto (se não levarmos em consideração a margem de erro) e se constitui como o som mais antigo da língua; (ii) em relação à palatal, sua ocorrência é quase idêntica ao [s] e pode ser entendida como o segundo som mais antigo nessa posição, trazido para o Brasil, com a chegada da família real²⁴; (iii) parece ser o som glotal o mais recente, conforme já abordado. É um som recente dentro das fricativas, com exceção de sua alofonia com a fricativa [x], já registrado por pesquisadores anteriormente.

Verifica-se que o segmento glotal aparece em diferentes contextos linguísticos, sendo a posição final de sílaba o contexto mais propício para variação e mudança linguística, porém há ambientes ainda mais específicos que possibilitam o aparecimento desse processo. O autor enumera seis fatores linguísticos importantes, no entanto, para nossa análise, levaremos em conta cinco deles, expressos na tabela 5, elaborada a partir da junção de todas as tabelas apresentadas por Lucchesi para as três variantes:

²³ Não se considera essa forma para análise porque, como o próprio pesquisador afirma, trata-se de um fenômeno que está ligado diretamente a um contexto morfossintático.

²⁴ Essa informação não é consenso entre os pesquisadores. Segundo Callou et alii (2002, p. 537): “No que diz respeito à palatalização do S em português, a primeira referência remonta a fins do século XVI e início do século XVII (Verney, 1736). No português do Brasil é difícil determinar, segundo Silva Neto (1968), se essa pronúncia – restrita, de início a região do Rio de Janeiro – é um fenômeno relacionado ao dialeto-padrão de Lisboa ou se consiste num processo local independente”.

Tabela 5 – Síntese das ocorrências do segmento fricativo na posição de coda silábico, no português popular de Salvador/BA, baseada em Lucchesi (2009)

Condicionamentos linguísticos		Alveolar			Palatal			Laríngea		
posicionamento		Nº de oc./total	Frequência (%)	Peso relativo	Nº de oc./total	Frequência (%)	Peso relativo	Nº de oc./total	Frequência (%)	Peso relativo
	/V_#V/	1331/1464	91	93	64/1395	05	06	69/1464	5	27
	/V_#/	636/1111	57	58	401/1037	39	49	73/1111	7	34
	/V_#C/	1480/3898	38	43	1407/2887	49	59	1011/3898	26	67
	/V_#C/	457/2677	17	25	1836/2293	80	77	384/2677	14	45
Tonacidade	Pós-tônica	1168/2027	58	60	611/1779	34	43	248/2027	12	42
	Pré-tônica	371/1912	19	46	1496/1867	80	55	45/1912	02	43
	Tônica	379/1412	27	41	557/936	60	53	476/1412	34	70
Tipo de núcleo silábico	[+anterior]	855/2819	30	55	1504/2359	64	46			
	Semivogal	1374/2389	58	53	663/2037	33	50			
	[-anterior]	1675/3942	42	44	943/1741	54	57			
	[+alto]							549/5798	09	36
	[-alto]							989/3352	30	72
Ponto de articulação da consoante seguinte	Velar	542/1304	42	62	692/1234	74	59			
	Labial	777/2292	34	53	790/1567	50	47			
	Alveolar	531/2582	21	41	1534/2065	74	59			
Modo de articulação da consoante seguinte	Nasal							778/1256	62	72
	Lateral							50/96	52	70
	Africada							112/490	23	58
	Fricativa							171/880	19	45
	oclusiva							283/3853	07	42

Fonte: elaboração própria, baseada em Lucchesi (2009).

O primeiro condicionamento linguístico, o posicionamento do segmento na sílaba, mostra, por meio dos dados, que há uma relação inversamente proporcional entre a alveolar e a palatal. A alveolar ocorre mais em final de palavra seguido por vogal ou no final de enunciado, no entanto tende a ocorrer em menor frequência quando o ambiente é em meio ou

fim de palavra, seguido de consoante, ao passo que com a palatal ocorre contrário. O [h], embora em menor frequência, é proporcional aos dados da palatal. Ele é mais usado no final de palavra e ligado à consoante seguinte, o que evita a formação de nova sílaba, ou seja, não ocupa a posição de ataque. O ambiente consonantal seguinte é tão relevante que no meio de palavra o segmento laríngeo aparece com uma alta frequência quando comparado aos outros ambientes. Daí seu aparecimento maior em posição de coda, tanto medial quanto final, como aponta o peso relativo²⁵ 67 para posição final e 45 para posição medial, ambos os contextos seguidos de consoante.

Outra observação pertinente, mas que não consta na tabela, é o valor do elemento consonantal no que diz respeito à vibração das pregas vocais. Segundo Luccheci (2009), os segmentos laríngeos aparecem com maior frequência quando seguidos de consoantes com o traço marcado positivamente para a sonoridade – 50% das aparições acontecem após ambiente [+sonoro] enquanto que em ambiente [-sonoro] as ocorrências são apenas de 5%.

Para a questão da tonicidade, verifica-se uma proporção inversa entre os três elementos, mas há um dado relevante em relação ao elemento glotal: 34% das ocorrências se dão em sílaba tônica, estrutura do vocábulo menos suscetível à variação. Se o [h], que é glotal, acontece nessa posição silábica, isso quer dizer que o elemento novo já ocupa uma posição de destaque na palavra e revela tendência já estável no processo de variação. Se observarmos na tabela, [h] tem peso relativo de 70 pontos, o que é muito significativo quando comparado com as outras posições e as outras realizações.

Em relação à vogal que constitui núcleo da sílaba que tem o /S/ em coda, nota-se que a preferência da glotal se dá por ambiente diferente em relação às outras duas variantes. Enquanto o segmento laríngeo prefere vogais com o traço [-alto], a alveolar prefere o ambiente do glide e a palatal tende a se relacionar mais com o traço de anterioridade. Podemos concluir a partir dos dados de Lucchesi (2009) que se torna difícil uma análise comparativa, mas fica evidente que há uma oposição entre a alveolar e a laríngea, uma vez que esta prefere vogais que não se tornam glides, ou seja, vogais que são médias ou baixas.

Com relação a questões ligadas ao ponto de articulação da consoante seguinte, não há, no trabalho de Lucchesi, uma análise para as laríngeas, que são observadas em relação ao modo de articulação. É possível verificar que o segmento glotal tem sua produção reduzida quando não está próximo às soantes – nasais e líquidas cujo peso relativo é, respectivamente,

²⁵ Quando avaliamos variantes fonéticas concorrendo ao mesmo contexto linguístico, o mais importante para a análise não é a frequência com que ocorre o segmento, mas o seu peso relativo, que não leva em considerações repetições de vocábulos, por exemplo, que podem trazer equívocos para a interpretação linguística.

72 e 70 pontos. O que Lucchesi não concluiu a partir dos dados que tinha em mãos é que esse é um forte indício de que o segmento realiza-se antes de elementos consonantais que estão numa escala alta de soanticidade, o que revela sua ligação direta com modo e não com o ponto de articulação. A partir dessa constatação, percebe-se que o tratamento do som glotal, no que diz respeito a sua posição na representação autosegmental, deve estar atrelada a um traço de continuidade que possui hierarquicamente uma posição mais alta.

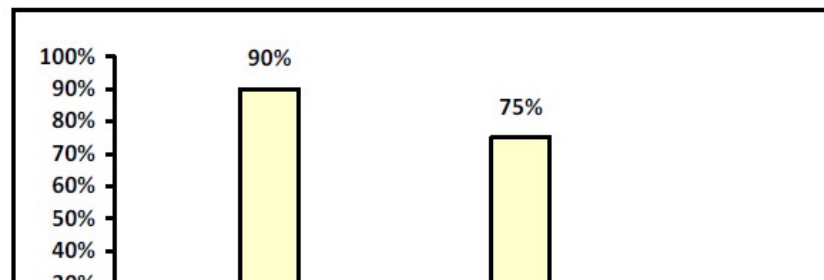
No entanto, Lucchesi não tirou dos seus dados tantos desdobramentos quanto poderia: notamos que a divisão das consoantes pelo modo de articulação seria mais produtiva caso o autor a subdividisse apenas entre os dois grandes grupos – soantes e obstruintes – considerando, paralela a esse contexto, a oposição surdo *vs* sonoro, o que levaria o autor a observar que o ponto de articulação da consoante seguinte para a caracterização do segmento glotal seria irrelevante ao ser comparado aos dados analisados a partir do vozeamento.

Das constatações a partir dos dados de Lucchesi (2009), é possível também concluir que há uma semelhança de ambientes muito maior entre palatais e glotais do que em relação às alveolares. Essa pode ser uma informação viável para uma interpretação de que a proximidade em relação à anterioridade do traço pode ser relevante no que se refere ao aparecimento do segmento laríngeo, basta observar, por exemplo, que o segmento fricativo oriundo do R vibrante múltipla é mais próximo ao segmento glotal do que qualquer outra fricativa.

3.1.3.2 A debucalização em outras capitais

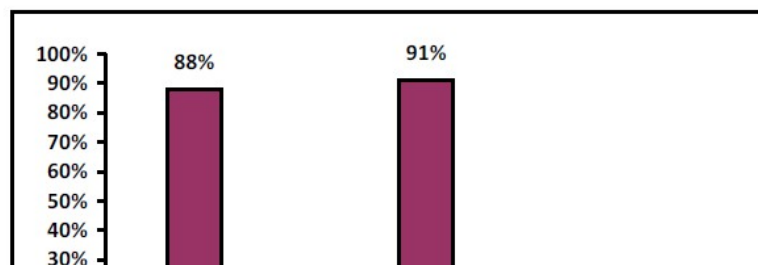
Hora e Pedrosa (2009), em seu trabalho *Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocalica*, analisam a debucalização do arquifonema /S/ em diversas capitais brasileiras levando em consideração o português dito culto, falado por universitários. Mais uma vez é importante ressaltar que as questões diastráticas não serão essenciais nesse processo de variação, já que é possível perceber o fenômeno em todas as classes sociais. Além disso, o condicionamento diatópico não se configura como mais importante que os linguísticos, pois, como vimos em seções anteriores, o fenômeno não é restrito a uma região somente. As capitais pesquisadas, além de Salvador, foram São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre.²⁶

²⁶ Todos os gráficos foram elaborados por Hora et alii (2006), embora os dados não tenham sido coletados pelos autores. Faz-se necessário lembrar que não analisamos aqui os dados de Florianópolis e de João Pessoa, apesar de ratificarem todas as conclusões a que chegamos.

Gráfico 1 – Debucalização no Rio de Janeiro, segundo Hora e Pedrosa (2009)**Gráfico 1 – Resultado Geral do Rio de Janeiro**

Fonte: Hora e Pedrosa (2009, p. 117).

Os dados do Rio de Janeiro mostram uma preferência pelo segmento palatal nessa posição. Isso ocorre, talvez, porque essa cidade era a capital do Brasil na época em que a Família Real aqui chegou e trouxe essa marca linguística para o país²⁷. Em ambas as posições, medial e final, o segmento palatal aparece com maior frequência seguida pelo segmento glotal, com uma recorrência de 6 e 10% respectivamente.

Gráfico 2 – Debucalização em São Paulo, segundo Hora e Pedrosa (2009).**Gráfico 2 – Resultado Geral de São Paulo**

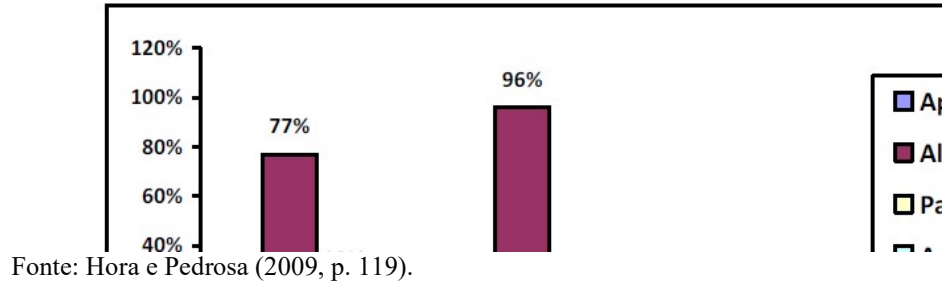
Fonte: Hora e Pedrosa (2009, p. 118)

Em São Paulo, os dados mostram uma inversão em relação ao Rio. A produção das alveolares é muito superior à produção das palatais. Além disso, não há produção de aspiradas na capital, conforme dados, o que reforça a ideia de que há uma ligação entre produção de segmentos palatais e consequente aparecimento de segmentos glotais.

²⁷ Como afirmamos anteriormente, há autores que discordam desta ideia. Uma leitura mais detalhada a respeito do tema pode ser encontrada em Noll (2009).

Gráfico 3 – Debucalização em Porto Alegre, segundo Hora e Pedrosa (2009)

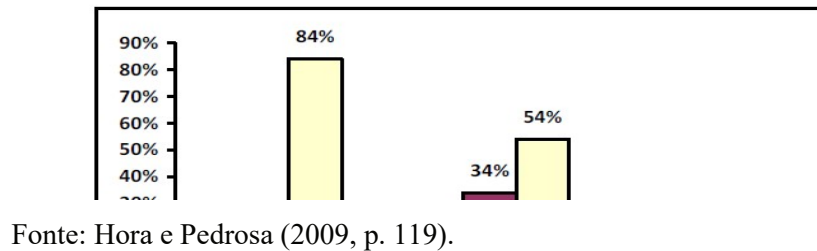
Gráfico 3 – Resultados Gerais de Porto Al



Os dados de Porto Alegre são próximos aos resultados da capital paulista: predomínio de alveolares, com baixa produção de palatais e consequente ausência de segmentos aspirados.

Gráfico 4 – Debucalização em Recife, segundo Hora e Pedrosa (2009).

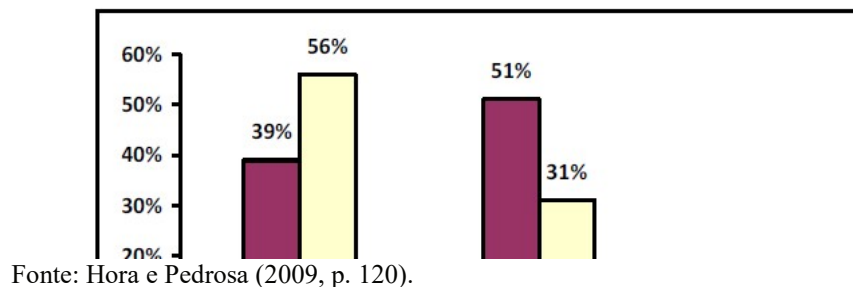
Gráfico 4 – Resultados Gerais de Re



No Recife, a configuração do gráfico é semelhante ao gráfico da capital carioca, apontando uma tendência maior de produção das palatais e consequente aparecimento da consoante laríngea (5 e 7%). Enquanto isso, o segmento alveolar em comparação a São Paulo e Porto Alegre torna-se inexpressivo.

Gráfico 5 – Debucalização em Salvador, segundo Hora e Pedrosa (2009)

Gráfico 5 – Resultados Gerais de Salv



Salvador, em relação à produção do segmento glotal (4 e 9%), assemelha-se à produção do Rio de Janeiro e Recife, embora apresente o segmento palatal na posição final de sílaba em menor quantidade (31%). No entanto, na posição medial, há um predomínio do segmento palatal sobre a consoante alveolar.

Ressalta-se que todos os gráficos apresentam duas posições do /S/ – medial e final de palavra – e suas quatro realizações (as mesmas propostas por Lucchesi). Neles, há um dado curioso a que nenhum dos pesquisadores atentaram-se: O /S/ aspirado só ocorre quando a presença da consoante palatal é expressiva ou superior à alveolar. Em cidades como São Paulo e Porto Alegre, onde o uso das palatais é bem inferior ao uso das alveolares, não foi possível encontrar registro de aspiradas.

Enfim, duas observações que merecem uma investigação linguística mais acurada devem ser levadas em consideração: (i) onde há um uso frequente de palatais há também um uso expressivo da consoante aspirada ou laríngea; (ii) O ponto de articulação para o caso das laríngeas não é tão significativo quanto os traços de modo e a vibração das pregas vocais. Isso é comprovado pelo fato dos traços [+sonoro] e [+soante] da consoante seguinte propiciarem o aparecimento do [h], já que nos dados analisados podem-se encontrar, por exemplo, consoantes seguintes com mesmo ponto de articulação, admitindo a forma alveolar e palatal ([ˈtestu] ~ [ˈteʃtu]; [ˈdezɗ̥ɪ] ~ [ˈdeʒɗ̥ɪ]), mas somente a forma aspirada para os segmentos seguintes vozeados: [ˈdeɦɗ̥ɪ], mas não *[ˈteɦtu].

3.1.4 A debucalização em Vitória da Conquista/BA

O *corpus* usado para análise é composto por gravações e transcrições do Português Popular de Vitória da Conquista-BA, realizadas pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e pelo Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, UESB. Foram analisadas as falas de seis informantes (três do sexo masculino e três do sexo feminino), todos entre dois e cinco anos de escolaridade, com idade entre vinte e cinco e sessenta anos.

O que chama a atenção nos dados da cidade é que os falantes não realizam, na posição de coda silábico, a consoante pós-alveolar, salvo em contextos em que há o processo de palatalização das oclusivas nas sílabas seguintes, como em *poste* e *triste*. Portanto, como a produção desse segmento é insignificante, serão analisadas apenas as seguintes realizações: consoante alveolar [s] e consoante glotal [h].

Tabela 6 – A debucalização em Vitória da Conquista, BA

	Ocorrências	percentual
[h]	103	6,0%
[s]	1639	93,9%
[ʃ]	02	0,1%
Total	1744	

Fonte: elaboração própria

Conforme a tabela 6, o valor de 0,1% é inexpressivo caso queiramos representar a produção do segmento pós-alveolar. Já o segmento alveolar, nitidamente é o segmento predominante no português popular de Vitória da Conquista, no entanto, não devemos desprezar a produção do segmento glotal, uma vez que aparecer em diferentes contextos linguísticos.

Em relação ao segmento alveolar, sua ocorrência se dá em todos os contextos linguísticos: (i) no meio de palavra após qualquer núcleo: vogais altas, médias e baixas; (ii) No meio de palavra seguido de elementos soante, sonoro ou surdo; (iii) final de palavra obedecendo aos critérios mencionados acima; e (iv) em qualquer posição no que se refere à tonicidade.

Por outro lado, o segmento glotal ocorre, embora com baixa frequência, em ambientes específicos. Sua ocorrência no meio de palavra sempre é seguida por um elemento sonoro (100% das ocorrências). Entretanto, quando se trata de peso relativo, seria irrelevante quantificar essa variante, nesta posição, já que quase sempre ocorre por meio de difusão lexical dos itens *mesmo* e *desde*, com algumas variações do último item, podendo realizar-se também como *de[h]na* e *de[h]nde*. De fato, a relação entre vozeamento e nasalização é apontada por fonólogos em diversas línguas, ver, por exemplo, o tratamento de Piggott (1992), D'Angelis (2002) e Costa (2010) para os eventos de nasalidade em línguas indígenas sul-americanas. Pensando nisso, analisamos especificamente o ambiente de fim de palavra, pois apresenta alguns contextos linguísticos diferentes:

Tabela 7 – Ocorrências de [h] e [s] em final de palavra

Final de palavra	Ocorrência	Percentual (%)
[h]	56	4,2
[s]	1.253	95,8
Total	1309	

Fonte: Elaboração própria

O que pode ser aferido a partir dos dados é que a posição medial da palavra é mais resistente à variação quando comparada com a posição final de palavra. Além disso, quando

os segmentos seguintes são sonoros e soantes a produção do [h] tende a ser maior, conforme tabela abaixo:

Tabela 8 – Debucalização em relação à natureza da consoante seguinte

Ambiente seguinte ao arquifonema	Percentual (%)
Consoante Soante	51,8
Consoante sonora	12,5
Consoante surda	10,7
Vogal	25

Fonte: elaboração própria.

É importante salientar que os percentuais associados às consoantes surdas e vogais acontecem não por conta desses ambientes, mas porque ocorrem quase sempre depois do segmento *ma[h]*²⁸ que parece também sofrer o processo de difusão lexical. Portanto, não é o ambiente posterior, nesse caso, que favorece o surgimento do segmento laríngeo, mas parece apontar que a própria palavra já se encontra lexicalizada pelos falantes como *ma[h]* nessa comunidade. Diferentemente, por exemplo, do artigo feminino plural *as* que, num mesmo falante, fora encontrado como alveolar e glotal:

A[h] briga
A[h] mulher
A[h] vez
A[z] amigas

Outro fato relevante – comprovando que os segmentos soantes exercem maior influência na realização da fricativa em fim de palavra – é o encontrado nas realizações de dois falantes:

Falante I:
Tre[h] légua
Trei[s] quilômetro

Falante II:
Seis ... sei[h] neto

O falante I, em momentos distintos, usa o mesmo vocábulo, mas com variação fonética do segmento fricativo. Na primeira realização, fica clara a motivação linguística para a materialização do segmento glotal: a consoante líquida. Já no segundo momento, o falante I

²⁸ Esse item lexical *mas* realiza-se na língua nas suas mais variadas funções: conector opositivo, marcador discursivo etc.

vale-se do mesmo significado realizando a consoante fricativa como alveolar, porque o ambiente seguinte desvozeado não favorece o aparecimento do [h].

Enquanto o falante II, numa mesma sentença, oscila na realização fonética do mesmo item lexical. Ao ser questionado sobre sua família, sobretudo os descendentes, o mesmo usou, num primeiro instante, uma fricativa alveolar, motivada pelo contexto de hesitação, no entanto, em seguida, sob influência do ambiente seguinte, de elemento consonantal [+soante], realizou o vocábulo com a fricativa glotal: *Seis ... sei[h] neto*

A partir desta análise, ratificamos o que havíamos proposto em seção anterior: (i) a posição final de sílaba é mais propícia para a realização do [h] tanto nos dados coletados por diversos pesquisadores, em diferentes capitais, quanto nos dados de Vitória da Conquista; (ii) os ambientes consonantais [+soante] e [+sonoro] são os melhores contextos para a produção do [h], visto que o ambiente surdo é pouco produtivo, além do ambiente vocálico ser propício para a formação de uma nova sílaba, deslocando, desta forma, o segmento glotal da posição de coda para a posição de ataque.

4 A DEBUCALIZAÇÃO E OS ENTRAVES DOS POSTULADOS TEÓRICOS

4.1 AS CONCEPÇÕES DE SEGMENTO CONSONANTAL E DO TRAÇO CONTÍNUO: SUAS IMPLICAÇÕES PARA A CARACTERIZAÇÃO DOS SEGMENTOS GLOTAIS

Toda análise fonológica consistente está fundada no conhecimento da literatura da área e no aprofundamento dos conceitos fonéticos. Pensando nisso, decidimos lançar mão de conceitos de base articulatória para entender os problemas que giram em torno de uma representação autosegmental do processo de Debucalização. Começaremos, por isso, mostrando como se configura o aparelho fonador.

Figura 8 – Fisiologia do aparelho fonador



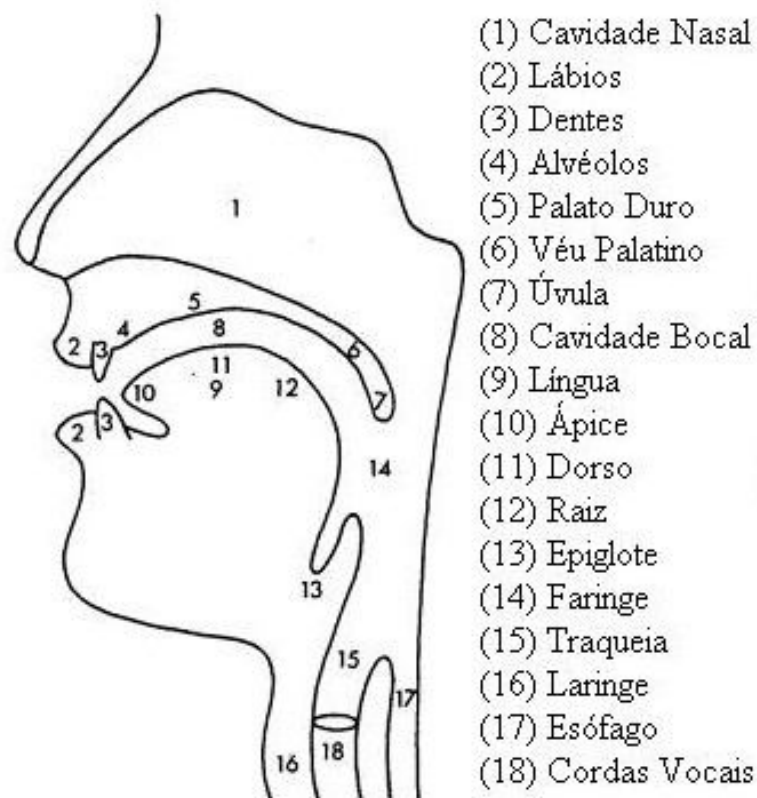
Fonte: <http://fonticaarticulatria.blogspot.com.br/2011/05/o-aparelho-fonador.html>

Na figura 8, é possível perceber quais são os órgãos usados na produção da fala humana, distribuídos em três diferentes sistemas: sistema articulatório, fonatório e respiratório. Todos eles possuem uma função primária, sendo aquele o responsável pela ação de comer; esse, pela ação obstruir a passagem de comida para os pulmões; e este se relaciona à função da respiração. Em termos evolutivos, a fala surge, portanto, como produto de

exaptação²⁹ na espécie humana, pois faz uso de vários sistemas que já possuíam funções primárias.

Todos os órgãos pertencentes à figura 8, além de serem parte do aparelho fonador, exercem um papel importante na constituição dos sons, uma vez que o vozeamento ou não de um som depende da região laríngea, a nasalidade ou não do segmento depende de como se encontra o véu palatino, aberto ou fechado, e a caracterização do som como consoante ou vogal está associada à obstrução – seja ela total ou parcial – ou não da passagem de ar na região do trato oral.

Figura 9 – Fisiologia da região supraglotal



Fonte: <http://fonticaarticulatria.blogspot.com.br/2011/05/o-aparelho-fonador.html>

Dentro do trato oral, encontramos articuladores que atuam de forma ativa e outros que atuam de forma passiva. Estes articuladores vão caracterizar o lugar (ponto) de articulação e o modo. Os primeiros – lábio inferior, língua, véu palatino e as cordas vocais – movem-se e modificam a configuração do trato vocal enquanto os articuladores passivos – lábio superior,

²⁹ Termo usado pelos paleontólogos Stephen Jay Gould e Elizabeth Vrba (1982) para referir-se à utilização de uma estrutura ou de um traço para uma função diferente daquela que surgiu por seleção natural.

dentes superiores e o palato duro – têm uma posição fixa e são tocados pelos articuladores ativos (SILVA, 2010).

A maneira como esses articuladores se configura no momento da produção do som propicia diferentes modos de saída da corrente de ar do aparelho fonador, ao que chamamos de modo de articulação. O modo de articulação, então, caracteriza a natureza da constrição do segmento consonantal. Ao observarmos o alfabeto fonético IPA (capítulo 1), verificamos que os segmentos consonantais estão dispostos conforme essas duas classificações: os segmentos que compõem as linhas do alfabeto representam o modo de articulação enquanto os segmentos emparelhados conforme as colunas representam o ponto de articulação. Todo o quadro faz uma representação por meio de um sistema cartesiano que busca descrever os sons conforme a figura 1. Os elementos mais à esquerda são anteriores quando comparados com os elementos da direita.

Em relação aos segmentos glotais discutidos aqui, não há na literatura linguística algo que se refira à natureza dos articuladores (ativos e passivos) nessa região. Portanto, pelos conceitos apresentados nem ponto e nem modo poderiam ser definidos, uma vez que, para existir modo de articulação, é preciso compreender a configuração dos articuladores do trato. No entanto, temos nos acostumado, por analogia, a identificar os segmentos glotais como segmentos cujo ponto é a glote e cujo modo de articulação é fricativo, mas, de fato, o aparato teórico não permitiria tal classificação. Apesar disso, a literatura tem considerado que as consoantes glotais são segmentos em que a passagem do ar se dá de maneira parcial na região laríngea.

A questão é que pouco se tem discutido a respeito do segmento aspirado e sua natureza. Antes de tratarmos os conceitos autosegmentais propostos até então pelos fonólogos, faremos uma pequena reflexão acerca das características do segmento glotal partindo de pressupostos estabelecidos pela fonética, sobretudo, articulatória.

A primeira questão em relação a esse segmento seria caracterizá-lo como consoante ou vogal. Segundo Silva (2010),

Entenderemos por segmento consonantal um som produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção. Por outro lado, na produção de um segmento vocálico a passagem da corrente de ar não é interrompida na linha central e, portanto, não há obstrução ou fricção. (p. 26)

Ao abordarem os traços que caracterizam essas duas grandes séries, Chomsky e Halle (1968) apresentam essas mesmas definições:

Consonantal sounds are produced with a radical obstruction in the midsagittal region of the vocal tract; nonconsonantal sounds are produced without such an obstruction. It is essential to note that the obstruction must be at least as narrow as that found in the fricative consonants and must, moreover, be located in the midsagittal region of the cavity. (p. 302)

A partir desse conceito – um estranho consenso dentro da fonética articulatória – o segmento glotal seria, portanto, uma espécie de glide, já que não possui obstrução no trato oral, mas não pode ser visto como vogal porque não ocupa núcleo de sílaba, afinal, tem sua atuação fonotática relacionada a uma posição de consoante. Segundo Ladefoged (1996)

[h e fi] têm sido descritas como versões surdas ou sonoras sussurradas das vogais seguintes, mas a forma do aparelho vocal [...] muitas vezes é simplesmente a mesma forma da dos sons que o cercam. [...] Portanto, nestes casos é mais apropriado considerar h e fi como segmentos que possuem apenas uma especificação da laringe, e não estão marcados à nenhuma outra característica. (p. 325 – 326)

Ainda sobre essa questão, pesquisadores constataam que o segmento consonantal, quando sofre debucalização, altera sua natureza primária, perdendo (estranhamente) o traço [+consonantal]. Esse é outro problema de definição, mas que parece ter sido a melhor estratégia encontrada pelos linguistas que se deparam com esse processo. Segundo Abaurre e Sandalo (2003), em termos autosssegmentais:

(i) O nódulo de Ponto é desligado e, em consequência, (ii) a raiz se altera para [-consonantal]. [...] Halle ET al. (2000) argumentam que o que caracteriza uma consoante é a presença de uma obstrução na cavidade oral; assim, segmentos consonantais são exclusivamente aqueles caracterizados pela obstrução de ponto de articulação labial, coronal e dorsal. (p. 164)

Lembremos que, no modelo de Clements e Hume (1995), labial, coronal e dorsal são os únicos traços de ponto de articulação possíveis. Ainda sobre esse caráter dubio dos segmentos glotais, Schane (1975) afirma que:

Entre os glides, os laríngeos estão relacionados mais de perto com obstruintes do que as semivogais. Os glides laríngeos diferem dos obstruintes quanto ao valor referente a [consonantal], ao passo que semivogais e obstruintes diferem quanto ao valor de dois dos traços. Este

último relacionamento existente entre glides laríngeos e obstruintes está de acordo com a observação de que ? e h funcionam frequentemente como verdadeiros obstruintes. (p. 49)

Essa discussão torna-se ainda mais produtiva quando pensamos na divisão das obstruintes entre oclusivas e fricativas. Segundo Chomsky e Halle (1968),

In the production of continuant sounds, the primary constriction in the vowel tract is not narrowed to the point where the air flow past the constriction is blocked; in stop the air flow through the mouth is effectively blocked. (p.317)

O que os autores apontam como “primary constriction” está diretamente ligada aos traços relacionados à cavidade oral – [coronal], [anterior]. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Matzenauer (2005) aponta que

Contínuos são os sons em cuja constrição primária o trato vocal não está estreitado a ponto de bloquear a passagem do fluxo de a, nos sons não-contínuos o fluxo de ar pela boca é efetivamente bloqueado. Têm o traço [+contínuo]: vogais, semivogais, líquidas e fricativas. (p.24)

Portanto, de acordo com as definições apresentadas, é possível perceber que o conceito de *continuidade* está diretamente ligado aos modos de articulação fricativo e oclusivo, somente quando pensados como uma obstrução no trato oral. Além disso, fica clara uma relação direta também entre obstrução no trato e a natureza de *consoante* e de *vogal*. Sendo assim, não é possível, teoricamente, caracterizar os segmentos glotais em relação ao modo de articulação e à sua natureza vocálica ou consonantal.

Tal problema de definição poderia ter sido evitado se a obra de Trubetzkoy intitulada *Principles of Phonology*, de 1939, tivesse sido lida com mais acuidade, onde temos uma definição que não limita a obstrução à cavidade oral:

It follows from what has been said that properties that are specifically consonantal can refer only to various types of obstructions or to the ways of overcoming these obstructions. They may therefore be called *properties based on the manner of overcoming an obstruction* (*Ueberwindungsarteigenschaften*). Properties that are specifically vocalic, on the other hand, can only refer to the various types of absence of an obstruction, that is, practically speaking, to the various degrees of aperture. They may therefore be called *properties based on degree of aperture* (*Oeffnungsgradееigenschaften*). (TRUBETZKOY, 1939, p. 94)

A partir dessas observações, revisaremos as possibilidades apontadas nos modelos autossegmentais, procurando apresentar uma alternativa, já que os mesmos não se mostram suficientes para o tratamento adequado dos sons glotais.

4.2 O PROBLEMA DO MODELO DE CLEMENTS E HUME (1995)

As representações de geometrias de traços propostas pela Fonologia Autossegmental, além de trazerem os traços organizados hierarquicamente, surgem com o propósito de sanar as lacunas que a representação através de matrizes de traços da Fonologia Gerativa não explicava convenientemente. Entre essas lacunas estão os segmentos de contorno e os contornos tonais. Isso porque os traços podem estender-se para além do segmento, ou seja, podem espalhar-se por domínios que podem ser até a palavra fonológica, como é o caso da harmonia nasal do Guaraní. Além disso, os traços distintivos podem atuar em domínios menores que o segmento, como ocorre nos segmentos de contorno como as oclusivas pré-nasalizadas, p. ex., [m̃b], nos quais metade do segmento é nasal e a outra metade, oral. Tudo isso mostrava que o domínio de atuação dos traços não poderia continuar sendo o segmento: havia a necessidade de considerar uma estrutura interna ao segmento³⁰.

O modelo de Clements e Hume (1995), amplamente difundido no Brasil, constitui-se com base na fonética articulatória, ao justificar a composição dos nós, e em alguns processos fonológicos para comprovar o alojamento de alguns traços. Os autores retomam algumas intuições de Trubetzkoy (1939), sobretudo, a ideia de que propriedades fônicas específicas são colocadas em oposição fonológica. Isso nos leva a pensar na relação existente entre as duas áreas de conhecimento (Fonética e Fonologia), mas, ao mesmo tempo, na dificuldade de associação de ambas à medida em que alguns conceitos apresentados pela Fonética, necessitam ser adaptados para a realização de uma análise abstrata. Segundo Trubetzkoy (1939), “the question now is to examine what phonic properties form phonological (distinctive) opposition in the various languages of the world.” (p. 91)

Essa questão nos remete ao papel da representação arbórea, pois a Geometria de Traços pretende representar a organização dos sons das línguas (C ou V) e, conseqüentemente, através do modelo autossegmental, representar os processos fonológicos. A dificuldade maior talvez resida não na primeira pretensão – que por meio dos traços consegue fazer uma representação individual –, mas sim na tentativa de representação dos

³⁰ Sobre este tema, ver Anderson (1975).

processos, que envolvem perda de traços ou nós. Entretanto, para os processos fonológicos encontrados nas línguas, a simples compartimentação de base fisiológica proposta pela autossegmental – cavidade nasal, cavidade oral e laringe – não é suficiente.

Pensando nisso, as geometrias de traços trazem a possibilidade de reunir em um mesmo nó de classe traços que atuam solidariamente em processos fonológicos, o que refina, nas regras de transformação, os princípios da simplicidade e da naturalidade. Segundo Sagey (1986, apud D’Angelis 1998:60):

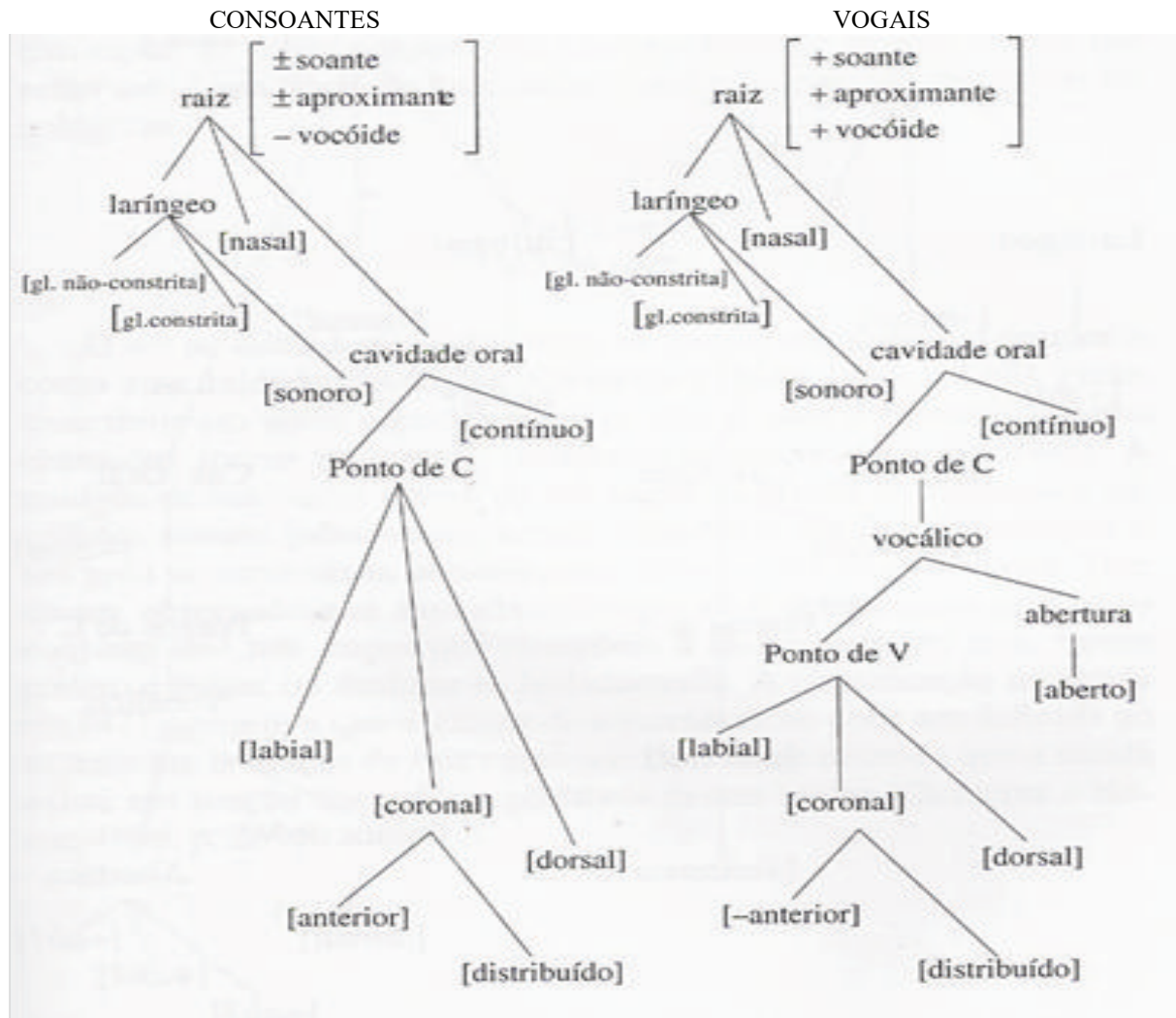
Tem sido proposto que os traços distintivos sejam representados, não como uma matriz de traços na qual todos eles têm o mesmo status e são igualmente inter-relacionados (ou não), mas antes agrupados de acordo com parâmetros, tais como ‘ponto’ e ‘modo’ que tendem a ser recorrentes em regras fonológicas.

Não podemos descartar que existe uma hierarquia interna nos segmentos que permite afirmar que traços podem funcionar isoladamente ou em conjunto. Nasce, portanto, a noção de camadas, já que a análise pelo viés da bijetividade é insuficiente para representar todos os tipos de segmentos: segmentos simples, complexos e de contorno³¹. No entanto, no processo fonológico em questão, nossa análise considerará a representação do segmento simples que, conforme Clements e Hume (1995, p. 253), “consists of a root node characterized by at most one oral articulator feature”.

Nesse modelo – um produto dos demais que surgiram anteriormente – os traços são de base articulatória, organizados hierarquicamente por meio de nós, ligados à camada do *skeleton*, a camada temporal (X). A geometria dos traços proposta pelos autores é a que segue:

³¹ Para uma leitura mais detalhada, importante consultar Clements e Hume (1995).

Figura 10 – Geometria de traços segundo Clements e Hume (1995).



Fonte: Hernandorena (2005, p. 50)

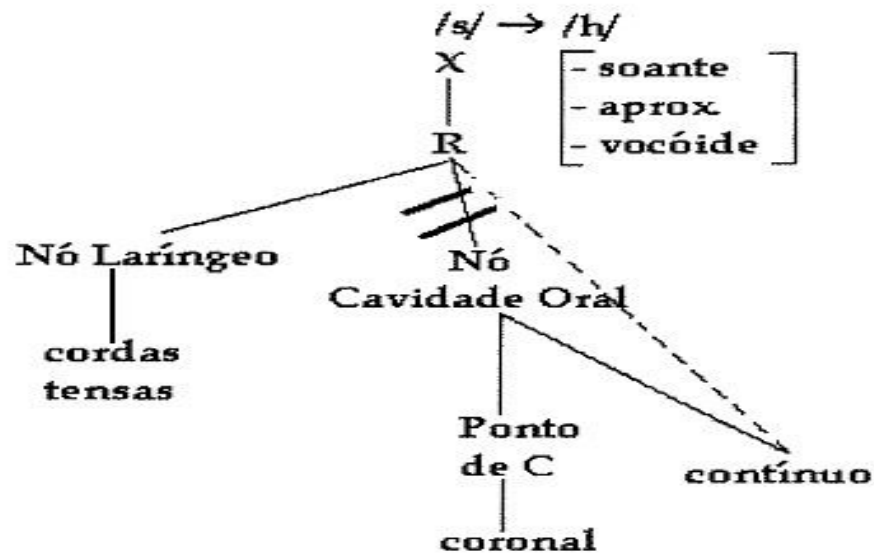
Na figura 10, há um nó principal chamado Nó Raiz que reúne os traços de classes principais. Eles servem para agrupar os segmentos nas quatro grandes classes: vogais, líquidas, nasais e obstruintes. Além disso, o Nó Raiz subordina três outros nós: o Nó Laríngeo, [nasal] – como traço terminal – e o Nó Cavidade Oral, que traz informações sobre ponto de articulação e continuidade.

É exatamente no traço [$\pm$ contínuo] que está a nossa questão: o processo fonológico de *debucalização*, presente em alguns dialetos do português do Brasil, não pode ser representado na geometria de traços proposta por Clements e Hume (1995). Essa dificuldade deve-se justamente ao alojamento do traço [contínuo], já que a debucalização prevê que o segmento perca seus traços de articulação na cavidade oral – literalmente, a articulação do segmento “sai da boca”, debucaliza-se – o que faz com que se elimine, na geometria de traços, o nó

Cavidade Oral. Este nó, como vimos, é precisamente o ponto de ancoragem do traço [contínuo], essencial na representação das fricativas, como sabemos, opondo-as às oclusivas.

Essas constatações sobre o processo de debucalização nos levam a pensar que o traço contínuo não se encontra alojado adequadamente no modelo de Clements e Hume (1995), uma vez que, ao perder o nó cavidade oral, o traço em questão não encontra um ponto de ancoragem, isso feriria um dos princípios da teoria, pois, segundo os autores, “Phonological rules perform single operations only.” (p.250) . De acordo com D’Angelis (1998, p. 64), “o princípio fundamental é que ‘as regras fonológicas constituem uma única operação’, de forma que ‘somente um nó de classe ou um nó de traço pode expandir em processos de assimilação’”.

Figura 11 – Representação arbórea do processo de debucalização



Fonte: elaboração própria, baseada em Costa (2010)

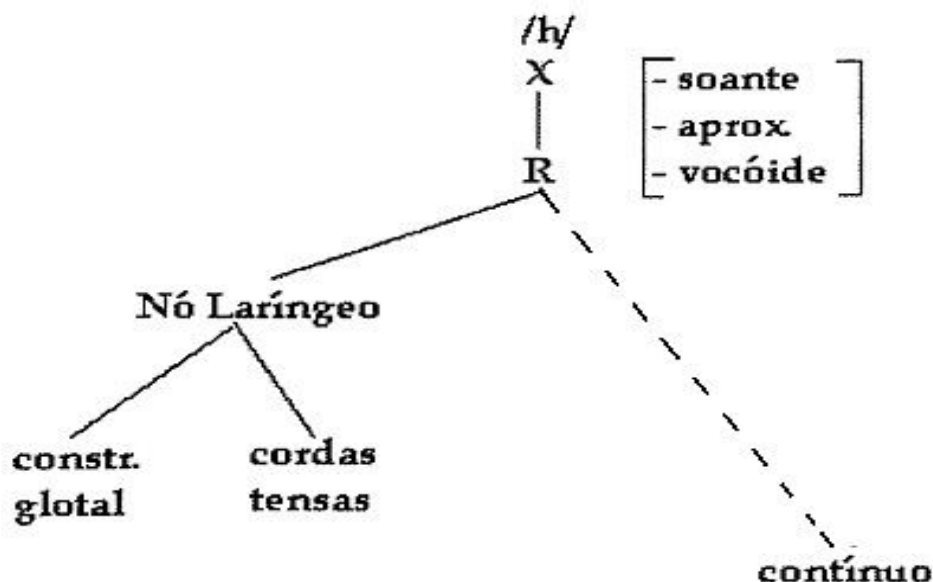
A figura 11 ilustra o processo de debucalização resultando da conversão da fricativa alveolar /s/ na fricativa glotal [h]. Nela, observamos que o nó cavidade oral é eliminado, porém o traço contínuo permanece, sendo re-ligado diretamente ao nó raiz, única solução viável encontrada por Costa (2010) naquele momento, ao descrever o processo em línguas indígenas. No entanto, essa não parece ser a melhor estratégia, uma vez que fere os princípios da própria teoria expostos anteriormente. O processo de debucalização, segundo o modelo proposto por Clements e Hume (1995) configuraria, de fato, três operações simultâneas:

- (i) Eliminação do nó Cavidade Oral, com a consequente eliminação (indevida) do traço [+ contínuo]
- (ii) Re-ligação do traço [+ contínuo] diretamente ao nó Raiz e

- (iii) Implementação do traço [glote constrita], essencial na representação de uma fricativa glotal, mas ausente na representação arbórea tanto do segmento alveolar quanto do segmento pós-alveolar.

Além disso, haveria um problema também na representação individual do segmento glotal [h] no que se refere à alocação do traço [+ contínuo], que teria que se ligar diretamente ao nó Raiz, coisa que o modelo de Clements e Hume (1995) não prevê, obrigando-nos a uma representação inexistente, como o que esboço na figura 12:

Figura 12 – Representação alternativa de [h] a partir de Clements e Hume (1995)



Fonte: elaboração própria.

O problema do traço contínuo nessa posição tem origem na sua conceituação. Jakobson, Fant e Halle (1952) definem a binariedade em torno desse traço como silêncio acompanhado de um espriamento de energia na região de alta frequência do espectro contra a ausência de transição abrupta entre silêncio e som. Essa é uma boa definição de base acústica, mas não serve diretamente para uma teoria que trabalha com noções articulatórias. Já Chomsky e Halle (1968) dão pouca atenção ao traço contínuo, ao afirmarem que [contínuo] é o segmento que não tem nenhuma descontinuidade na cavidade oral. Essa parece ser uma definição vaga que coloca o traço [contínuo] como dependente da especificação de ponto de articulação oral, embora eles agrupem-no na classe de traços de modo, pois está condicionado à forma do escape da corrente de ar.

As consequências dessa ideia já foram supramencionadas, e Sagey (1986, apud D'Angelis, 1998: 83), com sua intuição fonológica, já apontara antes de Clements e Hume (1995) a necessidade de se olhar mais atentamente para esse traço, “o traço [contínuo] não está ligado a nenhum articulador em particular. Ele especifica o grau [de constricção – WRD] ao qual outros articuladores são ativados”. Logo, em sua representação arbórea, Sagey “liga o traço contínuo diretamente ao nó raiz porque ele se aplica a qualquer articulador”. Contudo, Clements & Hume (1995) seguem a mesma lógica de SPE e colocam o traço contínuo como subordinado ao nó cavidade oral. D'Angelis, ao fazer uma análise sobre o traço contínuo, traz uma importante observação de Weijer (1993, apud D'Angelis 1998: 105) a respeito dessa questão:

O conjunto de traços de Modo tem sido usualmente visto como um conjunto incoerente de traços e, na ausência de um comportamento interessante de espalhamento, o tratamento das geometrias geralmente os tem omitido (...). Modo – como um fator determinante de sequência de sonoridade, por exemplo – é claramente uma dimensão unitária exatamente como Lugar o é.

Ao analisar diversos modelos anteriores e posteriores a Clements e Hume (1995) [MOHANAN (1983), CLEMENTS (1985), SAGEY (1986), McCARTHY (1988), KAISSE (1992), CLEMENTS E HUME (1995), HALLE ET alii (2000)] chega-se à conclusão de que todos eles são elaborados conforme dois modelos de geometria de traços a que Halle, Vaux e Wolfe (2000) chamam de Articulator Theory (AT) e Vowel-Place Theory (VPT). Segundo os linguistas,

Articulator Theory (AT), which views phonetic features as instructions for actions of the six articulators, and Vowel-Place Theory (VPT), which calls upon the notion of construction degree to separate vocalic and consonantal Place nodes in phonological processes. (p. 440)

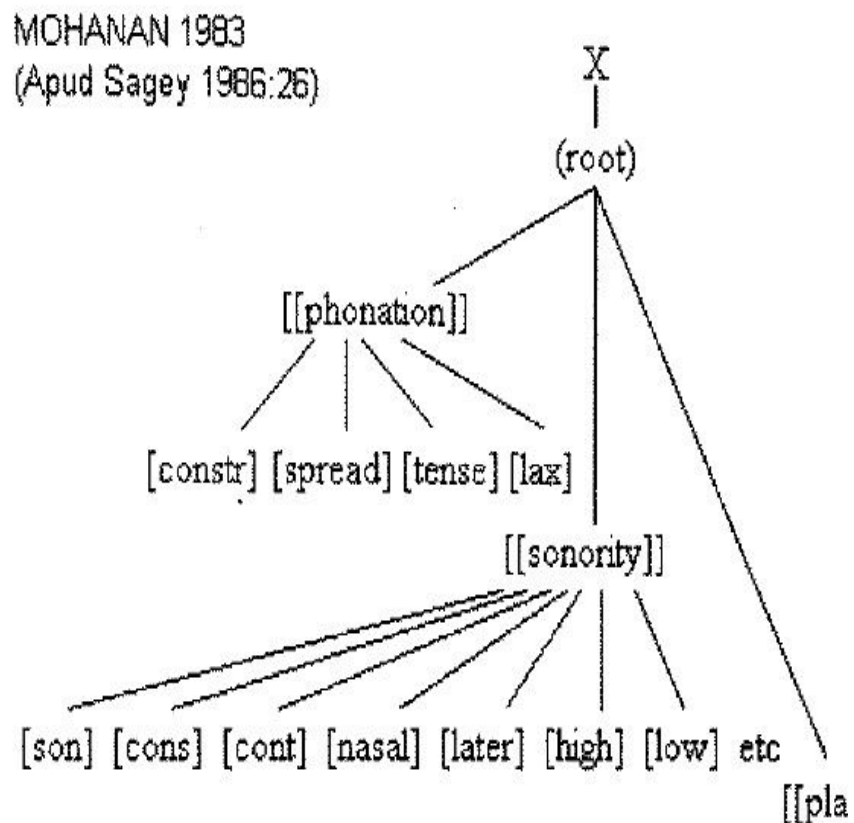
Portanto, o primeiro grupo de teorias (AT) apresenta modelos com base na fonética articulatória, levando em consideração os seguintes articuladores: lábios, lâmina da língua, corpo da língua, raiz da língua, palato mole, e a laringe. Enquanto o segundo grupo (VPT) faz uma separação ao representar vogais e consoantes através do nó de ponto – neste modelo, enquadra-se a proposta de Clements e Hume (1995). Vejamos a representação arbórea dos próximos modelos:

4.3 A TEORIA AUTOSSEGMENTAL E AS PROPOSTAS DE REPRESENTAÇÃO ARBÓREA

É importante observar que dentro da Linguística a verdade de cada época serve de base para a construção da(s) verdade(s) atuais. Embora a elaboração de Chomsky e Halle (1968) a respeito dos traços distintivos não contemple aquilo que motivou Goldsmith (1976), por exemplo, a explicar questões fonológicas de línguas tonais, não podemos esquecer que essas concepções continuam presentes, mesmo que ressignificadas. Isso fora pensado pelos próprios Chomsky e Halle (1968:300) ao afirmarem que “It seems likely, however, that ultimately the features themselves will be seen to be organized in a hierarchical structure which may resemble the structure that we have imposed on them for purely expository reasons”.

O modelo inicial desta nova abordagem fonológica parece ter sido proposto por Mohanan (1983)

Figura 13 – Geometria de traços de Mohanan (1983), segundo D’Angelis (1998)



Fonte: D’Angelis (1998, p. 77)

O modelo em questão distribui os traços conforme o aparelho fonador. O que ele chama de *phonation*, *sonority* e *place* seria o que conhecemos, respectivamente, como região laríngea, modo e ponto de articulação. O modelo coloca todos os traços numa posição hierárquica idêntica, só podendo identificar as características principais do som quando analisamos todos os seus traços. Por exemplo, a distinção entre vogais e consoantes ou entre obstruintes e soantes não podem ser obtidas já que o modelo trata apenas de segmentos e não de classes maiores.

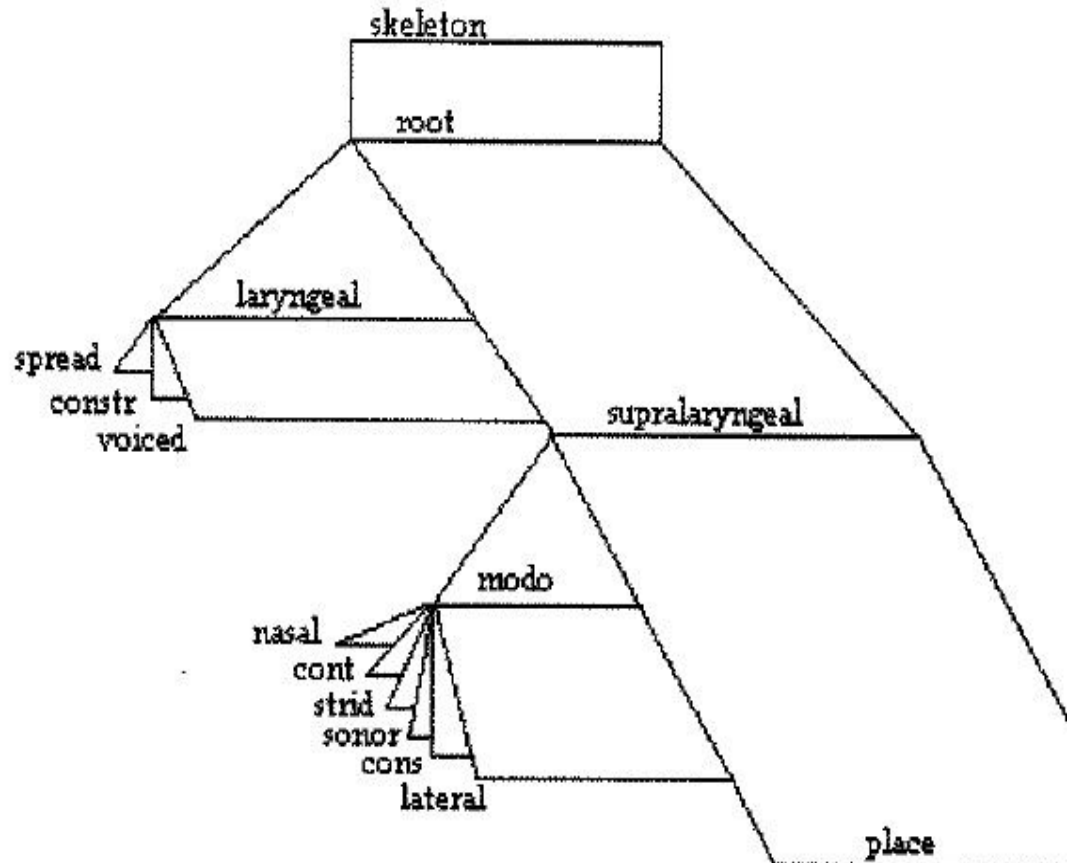
Esse é um modelo que não contempla inúmeros processos, mas não podemos perder de vista que foi o modelo pioneiro, pois, até a década de oitenta, todas as outras pesquisas autossegmentais se pautavam na representação arbórea do segmento isoladamente, o que reforça o argumento de que mais difícil que construir uma representação geométrica para um elemento fonológico, seria realizar a mesma construção para representação de processos.

Outro modelo que segue essa mesma linha foi proposto por Clements (1985). Embora com maiores divisões dentro do nó raiz, a árvore não consegue representar de maneira satisfatória o processo de debucalização, já que, ao perder sua produção na cavidade oral (representada pela árvore como nó Supralaríngeo), o traço contínuo seria eliminado, uma vez que está subordinado ao nó modo, que por sua vez está subordinado ao nó supralaríngeo.

Tal problema, como vimos, persiste no modelo desenvolvido posteriormente pelo autor.

Figura 14 – Modelo de Clements (1985), segundo D’Angelis (1998)

CLEMENTS 1985



Fonte: D’Angelis (1998, p. 79).

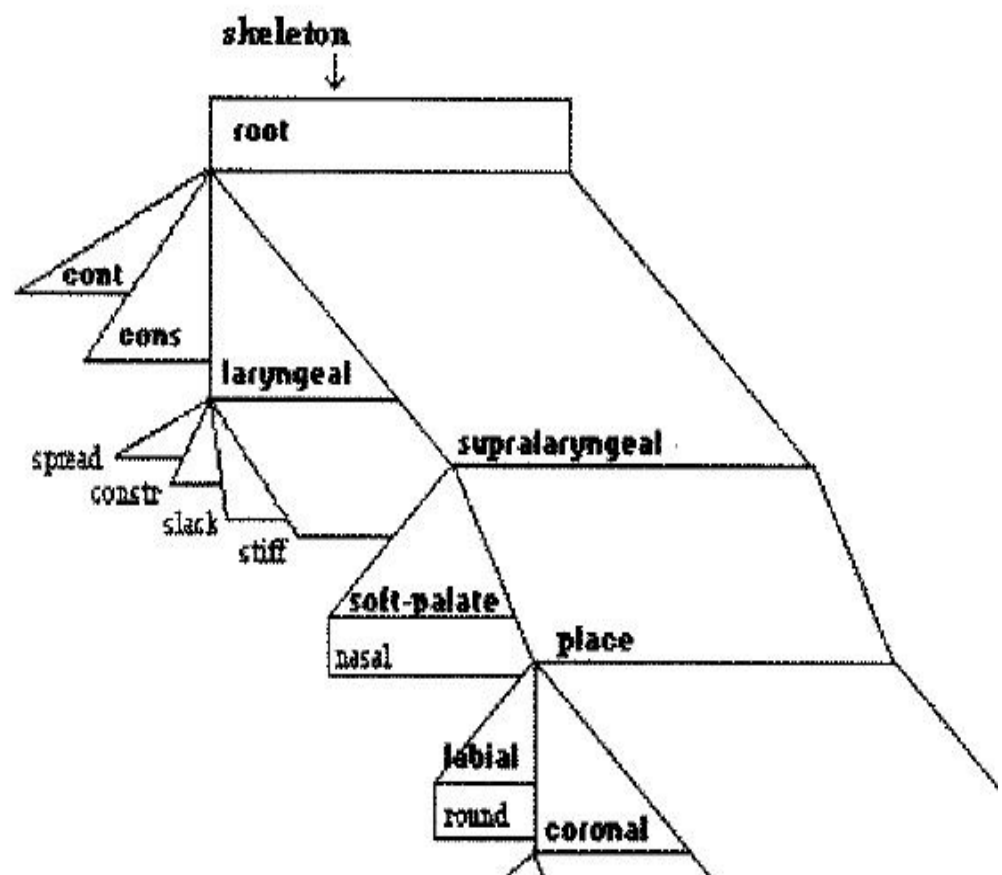
O modelo seguinte, proposto por Sagey (1986), embora seja pautado nas características articulatórias da produção dos sons (o que a coloca como uma das representações pioneiras da Articulator Theory, já que aponta alguns nós articuladores, como o *Soft Palate* e os nós de ponto Labial, Coronal e Dorsal), consegue pensar numa representação que separa os segmentos em classes maiores, ao subordinar os traços [consonantal] e [contínuo] diretamente ao nó raiz.

Com isso, ao identificar o segmento, inicialmente saberemos se ele será consoante ou vogal, caso seja consoante é possível separá-las em contínuas e descontínuas. Como *ponto de articulação* é uma oposição mais baixa nas árvores, nada mais viável do que alocar o traço contínuo numa posição hierarquicamente superior, pois para ela os traços de modo não formam um constituinte e devem estar ligados diretamente ao nó Raiz. No entanto, o modelo não contempla as cinco grandes séries (Mattoso, 1970) que separam as consoantes: oclusivas,

constritivas, nasais, laterais e vibrantes. Por esse modelo, só se distinguem, inicialmente, consoantes oclusivas de fricativas, mas as outras séries de consoantes, que possuem comportamentos específicos e que são responsáveis por inúmeros processos fonológicos em diversas línguas, não seriam contempladas. O que nos leva a crer que esse modelo poderia contemplar de imediato outra classificação, a de soanticidade.

Figura 15 – Modelo de Sagey (1986), segundo D’Angelis (1998)

SAGEY 1986



Fonte: D’Angelis (1998, p. 81)

Embora esse modelo não contemple tais questões expostas, faz-se necessário lembrar que nele estão contidas intuições fonológicas, apesar de seu foco ser fonético. O processo de debucalização poderia ser representado de maneira plausível e natural caso, numa única operação pudesse – além de eliminar o nó supralaríngeo e conservar o traço contínuo presente na árvore, caracterizando desta forma o segmento glotal – permitir que se especifique a fricção na glote.

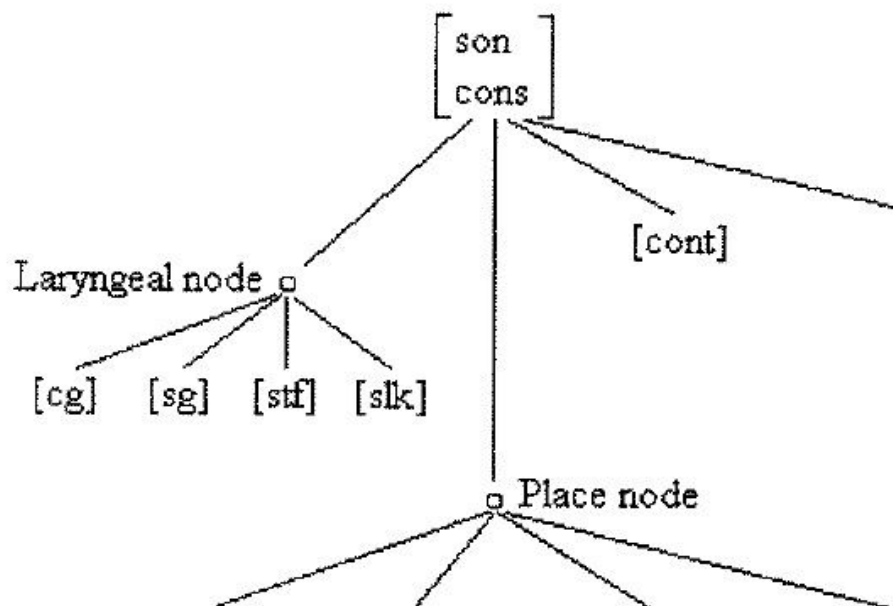
A favor do modelo de Sagey (1986) temos o argumento de que, embora não seja suficiente para representar o processo fonológico em questão, ele permite representar os segmentos separadamente, o que foi um ganho em reação aos modelos antecessores

O próximo modelo, proposto por McCarthy (1988), segmenta o Nó Raiz em quatro grandes classes – vogais, líquidas, obstruintes e glides – ao apresentar os traços [soante] e [consonantal]. Segundo McCarthy (APUD D'Angelis 1998, p. 91):

Os dois traços da classe principal [soante] e [consonantal] diferem de todos os outros traços em um importante aspecto: eles demonstravelmente nunca espalham, desligam ou exibem efeitos de OCP independentemente de todos os outros traços. Dito de outro modo, isso significa que os traços de classes principais não assimilam, não reduzem ou dissimilam, exceto em conjunção com processos que afetam todo o segmento.

McCarthy (1988) aloca o traço [contínuo] num nível hierárquico inferior, o que acaba segmentando a classe das obstruintes em oclusivas e fricativas. Uma boa escolha, quando pensamos no processo de debucalização, pois, ao eliminar o Nó Lugar, o traço contínuo mantém-se presente na árvore, o que não fere o princípio de operações unitárias. No entanto, ocorreria o mesmo problema encontrado na análise de Clements (1985), pois outro nó deveria ser ativado, justamente aquele que se refere ao ponto onde ocorre a constrição.

Figura 16 – Modelo de McCarthy (1988), segundo D'Angelis (1998)
McCARTHY 1988

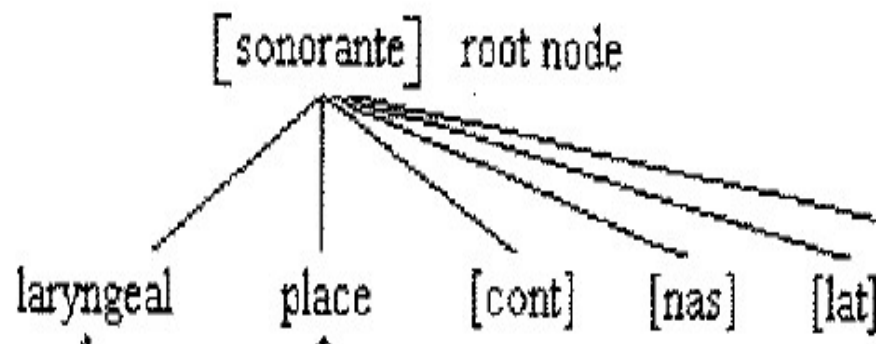


Fonte: D'Angelis (1998, p. 90)

Kaisse (1992), após análise de diferentes processos fonológicos, tira o traço [consonantal] do Nó Raiz e o subordina a um nível hierarquicamente inferior, alegando que esse traço pode se espalhar ou dissimilar. Vale-se desta mesma justificativa para alocar os outros traços que estão no mesmo nível hierárquico: [contínuo], [nasal] e [lateral].

Figura 17 – Modelo de Kaisse (1992), segundo D’Angelis (1998)

KAISSE 1992



Fonte: D’Angelis (1998, p. 97).

O último modelo de geometria de traços que trataremos aqui, (Halle et alii 2000), caracteriza-se como uma releitura da *Articulator Theory*, ao projetar-se por meio dos seis articuladores que subdividem a maior parte dos traços distintivos – lábios, lâmina da língua, corpo da língua, raiz da língua palato mole e laringe. Conhecida como RAT (*Revised Articulator Theory*), a teoria leva em consideração, dentre alguns princípios, as inovações apresentadas por Sagey (1987), Halle (1995) e Padgett (1995): “Partial Spreading, which allows spreading of two or more features that are not exhaustively dominated by a common node.” (HALLE et alii, 2000, p. 387)

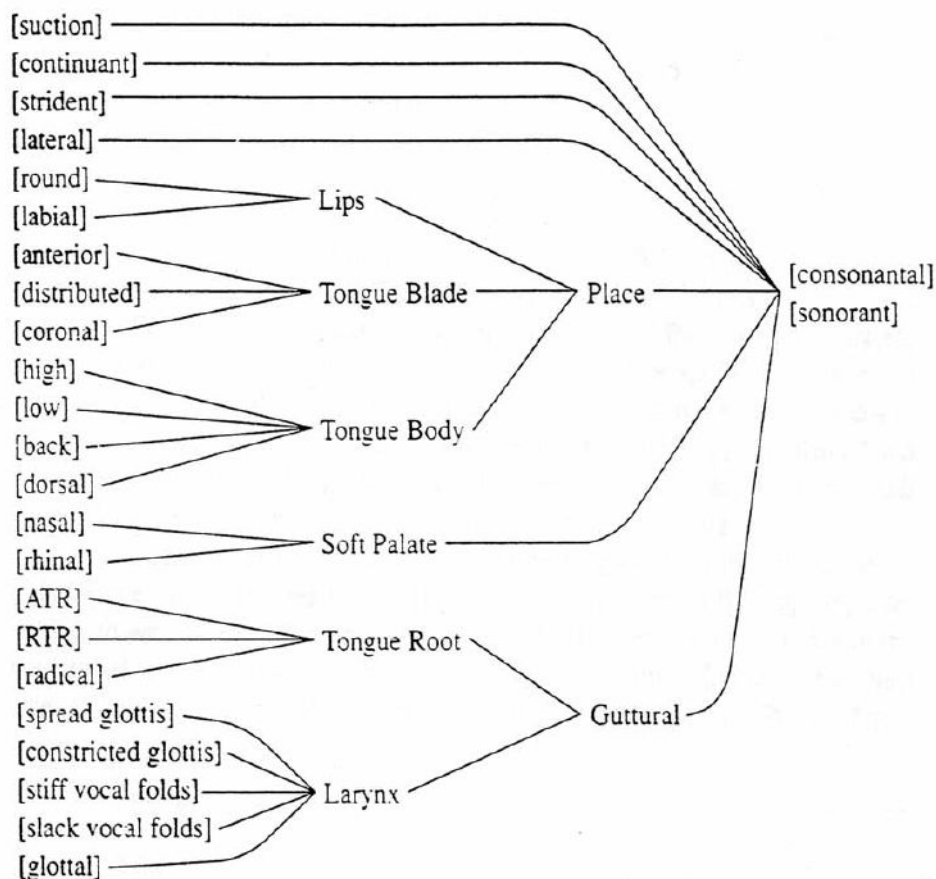
O modelo se propõe a diferenciar os articuladores em dois tipos: (i) articulator-bound, que se caracteriza como um articulador cujo ponto de articulação é específico; (ii) Articulator-free, articulador cujo ponto não é específico. Como consequência do free articulator, a teoria aponta o designed articulator, podendo ser entendido da seguinte forma:

the articulator executing the articulator-free feature(s) of a phoneme is called its designated articulator. Given that the articulator-free feature [consonantal] must be specified for every phoneme – it is in this way that

consonants are distinguished from vowels and glides – every phoneme must have a designated articulator (HALLE et alii, 2000, p. 388)

O modelo em questão baseia-se no aparato articulatório, uma vez que os seus articuladores são dispostos conforme a configuração do aparelho fonador. Compõem o nó raiz dois únicos traços – [consonantal] e [soante] e ligado a esse nó, além de outros, encontramos o traço contínuo. Os autores ressaltam ainda que os traços de ponto, que são a maioria deles, não podem tornar-se nó, estando sempre subordinados a algum dos seis articuladores. A representação arbórea é a que segue:

Figura 18 – Modelo de Halle et alii (2000)



Fonte: Halle et alii (2000, p. 389)

Esse modelo apresenta, dentre outras divergências do modelo de Clements e Hume (1995), dois princípios importantes para o modelo autosegmental: (i) é mais econômico; (ii) não se configura como arbitrário. O motivo para justificar as duas constatações é o mesmo, a VPT possui duas representações que, por meio de um nó, separam vogais de consoantes, o que a torna menos econômica e, nas palavras dos autores, “ [...] It is the absence of a direct

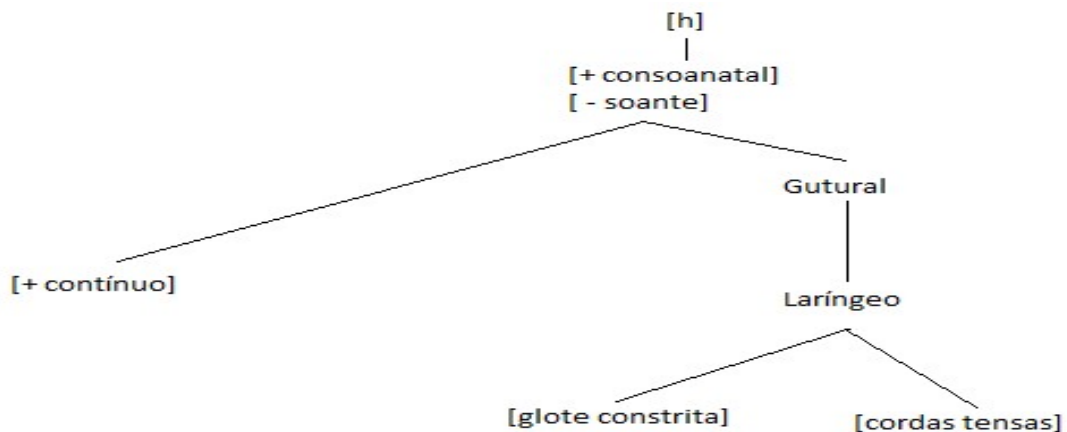
connection between anatomy and feature organization that makes VPT less natural and hence more arbitrary than Articulator Theories.” (HALLE et alii, 2000, p. 390).

Esse modelo consegue representar de maneira satisfatória os segmentos glotais que aparentemente têm recebido pouca atenção. No nó raiz, ele pode ser identificado pelos dois primeiros traços seguidos da representação do traço contínuo. Para justificar sua alocação, Abaurre e Sândalo (2003) já haviam chamado nossa atenção para a conclusão a que os próprios Halle, Vaux e Wolfe (2000) chegaram:

Alguns traços são de responsabilidade única de um destes articuladores e são, portanto, representados como deles dependentes, enquanto outros podem se combinar mais livremente, não sendo, portanto, hierarquizados em relação a nenhum articulador. Os últimos são vistos como traços livres de um articulador específico e são os seguintes: [consonantal], [sonorante], [sucção], [contínuo], [estridente] e [lateral]. Deve-se notar, na representação acima, que dois nódulos, Ponto e Gutural, referem-se a grupo de articuladores anatomicamente adjacentes. (ABAURRE e SÂNDALO, 2003, p. 161)

E quando se trata de ponto, é possível caracterizar os segmentos glotais levando-se em conta o nó laríngeo. A representação seria a seguinte:

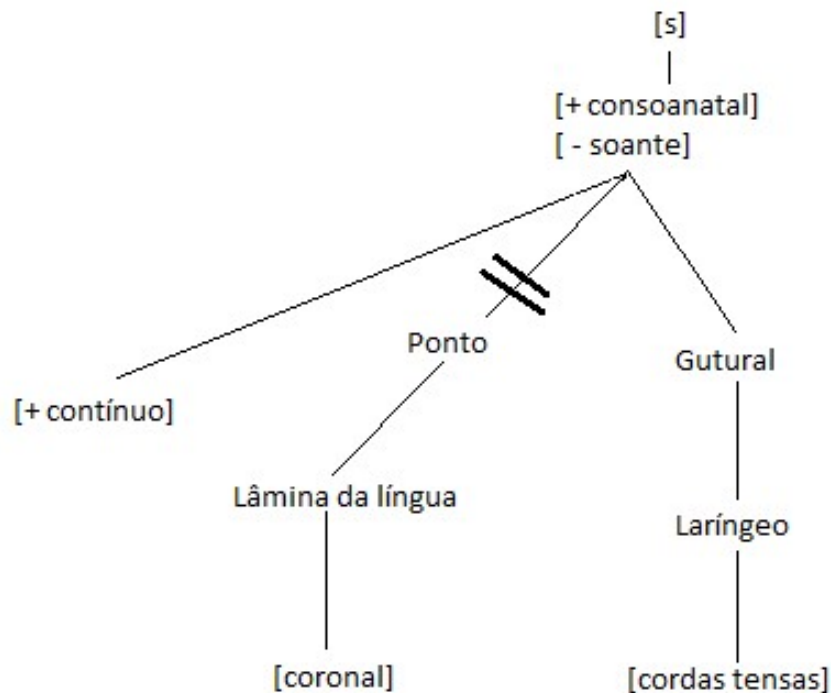
Figura 19 – Representação da fricativa glotal [h] segundo o modelo de Halle et alii (2000)



Fonte: elaboração própria

No entanto, por questões conceituais, o segmento glotal não pode ser considerado uma consoante, já que não possui obstrução na cavidade oral. Seria então o caso de representá-lo como [-consonantal]? Antes de respondermos a essa questão, o mais viável seria tentar representar o processo de debucalização:

Figura 20 – Representação da debucalização de [s] segundo o modelo de Halle et alii (2000)



Fonte: elaboração própria

O que fazer, nessa representação, com o nó laringeo? A solução encontrada pelos autores foi justamente assumir que, no momento em que o nó de Ponto é desligado, automaticamente o segmento torna-se [-consonantal] e esse parece ser um incoerente consenso dentro da Fonologia³². Segundo Halle (1995)

As noted by McCarthy (1988), the phenomenon of debuccalization “is essentially the loss of the supraglottal articulation with retention only of the open glottis gesture” (p.88). It is assumed here that formally debuccalization renders the part of the feature tree that is dominated by Place node invisible [...] since Place articulators have been rendered invisible by debuccalization, it will be assumed here that the phoneme is automatically changed from [consonantal] to [-consonantal] and its designated articulator becomes the larynx – the only articulator still visible in the feature tree. (p. 14)

Essa seria uma justificativa para representar o processo, uma vez que conseguiria enquadrar os segmentos glotais no conceito aplicado às consoantes, porém faz isso de um a maneira *ad hoc*. Além disso, qual seria a justificativa da teoria para sustentar um Nó Gutural?

³² Desde Clements (1985), essa discussão tem sido levada em conta.

O fato é que, pelo que vimos até agora, nem este e nem os outros modelos autosegmentais dão conta de representar o segmento fricativo glotal nem o processo de debucalização, visto que o problema é gerado pela própria deficiência na definição do seja uma consoante – sons que possuem constrição na cavidade oral – o que exclui os sons glotais, deficiência teórica esta estendida ao traço [contínuo], já que a *continuidade* (ou não) do som, assim como sua *consonantalidade* (ou não) dependem dos eventos articulatórios ocorrem estritamente na cavidade oral. A posição do traço [contínuo] parece ter sido localizada em alguns modelos, quando deixa de ser associada ao ponto de articulação, encontrando uma posição hierarquicamente superior. No entanto, parte da representação continua comprometida na medida em que fere o princípio da operação única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados de diferentes línguas – português brasileiro, diferentes dialetos do espanhol, nhandewa-guarani – pudemos notar que o processo de debucalização é muito comum, embora não tenha recebido um tratamento adequado por parte das Teorias Fonológicas.

Fica evidente que nenhum modelo consegue dar conta do fenômeno seguindo os preceitos de representação dos processos – naturalidade, plausibilidade fonética, simplicidade e predibilidade. Pensando na questão da debucalização, Halle et alii (2000), seria o modelo que menos fere os princípios fonológicos, pois resolve o grande problema da alocação do traço [contínuo], superando o modelo de Clements e Hume (1995) nesse aspecto.

Fica-nos, porém, o problema teórico da atribuição do traço [glote constrita], o que, numa leitura pouco atenta, pode parecer duas operações ao invés de uma, o que não estaria de acordo com o princípio autosegmental da “operação única”.

Porém, se pensarmos do ponto de vista estritamente fonético-fonológico, fica-nos claro que debucalização consiste num processo fonológico, de fato, único. A necessidade de atribuir o traço [glote constrita] é decorrência das limitações do modelo, e não o resultado da implementação da operação de mudança de ponto de articulação de alveolar para glotal. Portanto, não há duas operações.

Na representação do processo de debucalização seguindo a proposta de Halle et alii (2000), o mesmo ocorre com a conversão do traço [+consonantal] para [-consonantal]. Parece-me bastante claro que quando uma língua converte um fonema /s/ numa fricativa glotal [h], ela não está realizando uma operação de conversão de uma consoante numa não-consoante, embora seja isso que o modelo expressa, quando exige a conversão do traço [+consonantal] para [-consonantal], ignorando a obstrução presente na região glotal.

Sabemos que a debucalização é um processo presente nas línguas naturais e se materializa por meio dos falantes. Esse é um *fato*, passível de observação. No entanto, as representações desse e de outros processos são pautadas em hipóteses formuladas a partir de conceitos, muitas vezes, frágeis. Caso a *hipótese* não dê conta de explicar o fenômeno, ela precisa ser repensada porque sua existência deve ser pautada em função do *fato* e não o contrário.

Costa (2010) já havia sinalizado o problema para esse tipo de mudança nas geometrias de traços como decorrência das limitações cartesianas dos modelos. Segundo a autora, em processos fonológicos como o espalhamento de nasalidade, que converte oclusivas pré-

nasalizadas em nasais plenas, como em /mb/→[m], ocorre o mesmo com relação ao traço [soante], ou seja, o fato de se converter uma oclusiva [mb] numa nasal [m] resulta numa consequente mudança de [-soante] para [+soante], o que não é uma operação dupla, mas, como na debucalização, uma decorrência das limitações dos modelos.

De fato, temos que pensar que problemas teóricos como estes são motivados por premissas que a teoria linguística reluta em derrubar, como é o caso da própria definição do que seja uma consoante: *sons que possuem qualquer constrição na cavidade oral*; ou ainda, da definição do que seja som contínuo/descontínuo: *aquele que possui continuidade/descontinuidade na cavidade oral*.

Portanto, essas premissas excluem, a princípio, os sons glotais da definição de consoante e de fricativa, o que por si só é um problema que, para além de ser linguístico, chega a ser epistemológico, já que não possibilitam um tratamento adequado para estes sons tão produtivos e que efetivamente atuam como consoantes nos sistemas fonológicos das línguas do mundo.

Não podemos deixar de considerar que os segmentos glotais, talvez por ocuparem regiões limítrofes de articulação, envolvam-se em muitos processos fonológicos em diferentes línguas, configurando-se como pontos instáveis do sistema, em termos pragueanos.

Finalmente, já está na hora da Teoria Fonológica tirar os segmentos glotais do limbo a que têm sido relegados e desatar esse “nós” conceituais que têm impedido um tratamento adequado a estes segmentos.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SANDALO, Maria Filomena Spatti. Os róticos revisitados. In: HORA, Dermeval da; COLLISCHONN, Gisele (org.). **Teoria linguística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.
- ANDERSON, Stephen R. (1975). The description of nasal consonants and internal structure of segments. In: **Nasálfest**, pp. 1-25. Ferguson, Charles; Hyman, Larry and Ohala, John (eds.). Stanford, California: Stanford University.
- ARAGAO, M. do Socorro Silva de. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1944.
- CAGLIARI, L. C. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, (23) 137-151, Jul/Dez. 1992. p. 137-151.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In: ABAURRE, M^a B. M.; RODRIGUES, Ângela C. S. (orgs.) **Gramática do Português Falado: Novos Estudos Descritivos**. Vol. VIII. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 35. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- _____. **História da Linguística**. 2^a Ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Moris. **The Sound Pattern of English**. New York: Praeger, 1986.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. The Internal Organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.
- COLLISCHONN, Gisela. A Sílabas em Português. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. (p. 101-130)
- COSTA, Consuelo de P.G. **Nhandewa Aywu: fonologia do Nhandewa-Guarani**. Vitória da Conquista, Ba/Campinas, SP: Edições UESB/ Curt Nimuendajú, 2010.
- D'ANGELIS, W. da R. **Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica**. Campinas: IEL-UNICAMP. Tese de Doutorado. 2 volumes. 1998.

_____. **Sistema fonológico do Português: discutindo o consenso.** D.E.L.T.A. São Paulo: PUC-SP, v. 18, n.1, p. 1-24. 2002.

FERNANDES, F. R. **Uma breve reflexão sobre o sistema de traços distintivos.** Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/b00007.pdf>, acessado em 02.05.2013.

GOLDSMITH, John. **Autosegmental Phonology.** Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

HALLE, M. **Feature Geometry and Feature Spreading.** In: *Linguistic Inquiry* 26: 1-46, 1995.

HALLE, M.; VAUX, B.; WOLFE, A. **On Feature Spreding and the Representation of Place of Articulation.** *Linguistic Inquiry* 31. 2002.

HAYES, Bruce. **Compensatory Lengthening in Moraic Phonology.** *Linguistic Inquiry.* Cambridge: MIT Press, vol. 20, n.2, 1989, p. 253-306.

HOOPER, Joan. **An introduction to natural generative phonology.** New York: Academic Press, 1976.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene L. R. Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa.** Salvador: EDUFBA, 2009.

IPA (1995). The Internacional Phonetic Alphabet (revised to 1993, corrected 1996). *Journal of the International Phonetic Association.* 1995, vol. 25. (1): páginas centrais, não numeradas.

IVO, Ivana P.; COSTA, Consuelo de P. G. As fricativas da família tupi guarani – possível caso de rearranjo fonológico. In: **Anais do VII SPEL (Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos)**, vol. 7, no. 1. p. 11-19 Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2012.

JAKOBSON, Roman. **Fonema e Fonologia.** Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica, 1972.

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunnar; HALLE, Morris. **Preliminaries to Speech Analysis.** Cambridge: MIT Press, 1952.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. **The Sounds of the World's Languages.** Oxford: Blackwell, 1996 p. 325-326.

LUCCHESI, Dante. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa.** Salvador: EDUFBA, 2009

_____. **Sistema, Mudança e Linguagem: Um Percurso na História da Linguística Moderna.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS-e-SILVA, Rosa Virginia. **Caminhos da linguística histórica** – ouvir o inaudível. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

_____. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe.** São Paulo: Contexto, 2006.

MATEUS, Maria H.; ANDRADE, Ernesto d'. Syllable Structure. In: _____. **The Phonology of Portuguese.** Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda (org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro.** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. (p. 11-73)

NESPOR, Marina; VOGEL, I. **Prosodic Phonology.** Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NOLL, Volker. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa.** Salvador: EDUFBA, 2009 p. (306-319)

PEDROSA, J. L. R. **Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?/** Tese de doutorado. João Pessoa: 2009

PETTORINO, Felix M. **La aspirada laríngea: ?Mera variante de /s/?** IN: Nueva Revista Del Pacífico, nº 47, 2002. p. 25-42

PIGGOT, G. L. **Variability in feature dependency: the case of nasality.** Natural Language and Linguistic Theory, 10: 33-37

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Bliksten. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 10 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TASSARA, Gilda; DUQUE, Carlos. /s/ implosiva em el español culto de Valparaíso. In: Revista Signos. Instituto de Literatura y Ciencia Del Lenguaje. Vol. XIX. nº 24. 1986. (p.109-124)

TRUBETZKOY, N. A Fonologia Atual. In: PASCAL, M (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística.** Vol. II, Fonologia e Sintaxe. UNICAMP, Campinas 1981.

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of phonology.** Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1939.